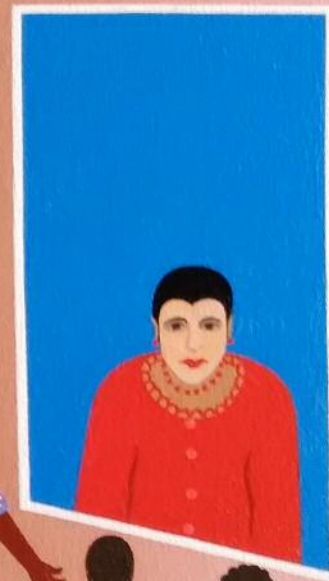


REVISTA PALETA

nº 3 - ano II - Jan a mar 2022



100 ANOS DE ARTE MODERNA BRASILEIRA



ISBN: 978-65-904983-4-3



CL

AMIGOS DA PINACOTECA

Diretor Executivo
Iaperi Soares de Araújo

Diretora Administrativa Financeira
Ana Neuma Teixeira de Lima

Diretor Técnico
Antônio Marques e Carvalho Júnior

Secretária Executiva
Maria Geruza Soares Câmara

Contador
Ramires Martins de Sousa

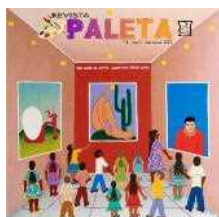
Conselho Fiscal
.
Emanuel Ferreira do Nascimento
.
Daniel Melo de Lima Martins
.
Rosa Maria da Costa
.
Felipe Fernando N. M. Nascimento
.
Cláudio Marques Alves

Editor da Revista Paleta
Alfredo Neves

Assessoria de Imprensa
Sérgio Lima

Conselho Editorial
Isaura Amélia
Manoel Onofre Neto
Dione Caldas
Maria Geruza Soares Câmara
Vicente Vitoriano
Alex Gurgel
Adriano Caldas
Thiago Gonzaga
Cláudio Damasceno

Diagramação
Edilson Martins



Capa:
Edilson Araújo



Contracapa:
A arte de Azol

*O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos autores

Sumário

Editorial: A consolidação de uma ideia	04
Resgate da identidade cultural do RN.....	05
O encanto sempre novo do feio: da Semana de 22 aos dias atuais.....	09
Newton Navarro - uma ponte para a modernidade	12
Semana de arte moderna.....	14
Fotógrafo Ambulante: uma profissão que desafia o tempo.....	16
Folclore / Arte cultura: Saberes populares	18
A saia do amor.....	19
Além do que se vê.....	22
Manoel Onofre Neto: arte nas veias	24
Sensualidade: uma exposição tocante	27
Pôr do sol no Rio Potengi. Turismo, cultura e arte	30
Tatuagem: não há pecado ao sul do Equador	31
Navegantes: Espaço poético	36
O Sertão Virou Mar, exposição de Azol	39
Uns ingênuos.....	42
O encanto sempre novo do feio.....	46
Arte digital e fine art, a construção estética, atual e moderna nas artes visuais.....	51

Homenagem da Revista Paleta aos 100 anos da Semana de Arte Moderna e aos seus organizadores



Fonte: Pietro Maria Bardi, na obra *O Modernismo no Brasil* (1978)



A Comissão Organizadora da Semana de Arte Moderna. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: o jornalista italiano Francesco Pettinati; um anônimo, René Thiollier, Manuel Bandeira, A.F. Schmidt, Paulo Prado, Graça Aranha, Manoel Vilaboin, Gofredo da Silva Telles, Couto de Barros, Mário de Andrade, Cândido Motta Filho. Sentados: Rubens Borba de Moraes, Luis Aranha, Tacito de Almeida, Oswald de Andrade. O Grupo não está completo com as ausências do escritor Menotti del Picchia e das mulheres participantes da Semana.

Editorial

A CONSOLIDAÇÃO DE UMA IDEIA

Estamos num caminhar a passos acelerados rumo à normalidade, mas, mesmo assim, todos os cuidados devem permanecer. O advento da pandemia deixou muitos projetos para um momento futuro, e em diversas situações sonhos foram se extinguido devido a permanência insistente dos números que se multiplicavam de pessoas infectadas ou até mortas pelo Coronavírus (COVID 19). Outros projetos se concretizaram, de 2020 até os dias atuais medidas de prevenção foram tomadas, protocolos seguidos e decretos respeitados. A Sociedade Amigos da Pinacoteca Potiguar, tendo à frente Isaura Amélia, Dione Caldas, Iaperi Araújo, Geruza Câmara, Ana Neuma, Antônio Marques e tantos outros colaboradores, conseguiram realizar eventos importantes para a Arte Potiguar, mesmo diante de muitas adversidades enfrentadas. As ações descritas na página seguinte é a prova incontestável de como temos pessoas interessadas no crescimento da cultura e das Artes no nosso estado.

A Revista Paleta vai se consolidando como o veículo que dá sequência a estas ideias de fortalecimento do debate sobre a temática artística e de divulgação de exposições e eventos culturais. Textos como o de Thiago Gonzaga, Josué Costa, Gilmara Damasceno, Caius Marcellus, Margot Marie, Adriano Caldas, Edrisi Fernandes, Manoel Onofre Júnior e tantos outros colaboradores, torna a Revista Paleta um dos instrumentos mais importantes que aborda assuntos de qualidade e pertinentes para leitores que gostam do que aqui é tratado. Torna-se, então, um meio de pesquisa e de conhecimento.

Esta é a No 3, e outros números serão produzidos para a apreciação e leitura de todos. A próxima tem previsão de ser publicada no final de junho de 2022 e interessados poderão acessar o site: www.amigosdapinacoteca.com.br, e no final da página principal acessar o formulário de Contato e enviar a sua crítica, opinião ou artigo para a apreciação do Conselho Editorial da Revista.

Abraços e Boa Leitura!

Alfredo Neves

Resgate da identidade cultural do RN



O homem também precisa de comida que alimente a alma, sua essência. De maneira que a existência faça algum sentido, ainda mais quando se está inserido em um contexto onde as abstrações são deixadas em último plano. Um dos objetivos do projeto Arte que Inclui se volta justamente para esse fator: de garantir que haja inclusão artística e cultural, e que essa produção seja transmitida para o maior número de pessoas. Em 2021, diante da necessidade de incluir jovens que estavam margeados pela sociedade, o que se agravou em virtude da pandemia, houve a iniciativa da ONG Amigos da Pinacoteca, no sentido de procurar meios que oportunizassem a produção e o resgate cultural, contemplando maior número de municípios possíveis. Com a demanda criada, foi preciso pensar em



maneiras de viabilizar o projeto, financeiramente falando. E a ONG Amigos da Pinacoteca encontrou no deputado federal Beto Rosado (PP) o incentivo que estava faltando: uma emenda federal que oportunizaria o resgate da uma identidade cultural do Rio grande do Norte. Um desses resgates, dentre vários outros, diz respeito às quadrilhas juninas. Agora em 2022 as ações se intensificaram, com lançamento de edital para contemplar 40 grupos, de 78 inscritos, para a devida participação no projeto, cuja ideia é o de manter as tradições juninas. O projeto é abrangente e segue com a inclusão de deficientes, apresentando o viés antropológico por meio da cultura de maneira ampla. Além disso, apresenta uma particularidade que permite o fortalecimento da economia criativa no Rio Grande do Norte.



Vernissage Cores do Interior

Agenda cheia

A Ong Amigos da Pinacoteca teve um ano cheio em 2021. A produção cultural foi de vernissage à publicação de livros, revistas e lançou o projeto Arte que Inclui.

Trabalhos

Em 2021 a Coleção Amigos da Pinacoteca editou quatro títulos, realizou sete solenidades de lançamento, em Mossoró e Natal, programou pré-lançamento, criou a Revista Paleta e editou dois números. Um fôlego e tanto.

Pesquisa

Em julho, a Coleção ampliou sua estante com a publicação do livro “Origem dos Bairros de Mossoró e sua Cartografia”, uma pesquisa autoral do professor Everaldo Bernardino, da Universidade Federal Rural do Semiárido (Ufersa). O lançamento se deu no dia 15/07 no Residencial Quintas do Lago, em Mossoró.

Biografia

Ainda em 2021, a Coleção chegou ao seu volume 8 com a publicação do livro “Milton Marquês de Medeiros, O Menino Do Poré”, de auto-

ria da jornalista Lucia Rocha. Uma biografia importante do médico e empresário Milton Marquês de Medeiros, que chegou a ser reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em dois mandatos.

Resgate

Em 28 de agosto, ao lado do professor Cláudio Galvão, a Sociedade lançou, na Flic-2001, a pesquisa intitulada “Helem Ingersol – Poesia”. Trata-se de um livro que resgata uma das poetisas potiguares que tem uma visão feminista, com produção marcante nos anos de 1020/1930. A obra tem despertado interesse e gerado discussões.

Catálogo

Ainda na Flik, a Sociedade Amigos da Pinacoteca fez o pré-lançamento do “Catálogo de Artes” da Coleção do Governo do Estado. É fruto de obras feitas por Isaura Amélia e Vatenor Oliveira. O projeto tem benefício da Lei Aldir Blanc.

Revista

A produção cultural não parou. Em 2021 ainda tivemos o lançamento da Revista Paleta sob a coordenação do artista plástico Alfredo Neves. Dois números foram lançados no ano passado. Em seu primeiro número, a versão virtual também teve foco na exposição de cores com 180 artistas plásticos. Os textos foram de autoria dos professores Geraldo Porto, Antônio Marquês, Manoel Onofre e Isaura Amélia.



Restauração de pintura

Restauração

O artista plástico Francisco Alves Ferreira, um dos expoentes na arte da restauração ministrou oficina gratuita em Mossoró. As aulas foram realizadas na Escola de Artes de Mossoró de 27 de novembro a 05 de dezembro, de 14h às 18h. Foram disponibilizadas 40 vagas.

Oficinas

Na linha de oficinas, a Sociedade Amigos da Pinacoteca promoveu, ainda, oficinas de molduras na Escola de Artes de Mossoró, no mês de dezembro, além de oficina de Edição de Livros.

Exposição

Arte Bruta e Arte Naif, de 29 de dezembro de 2021 a 30 de janeiro deste ano, foi o título da exposição que o artista plástico Iaperi Araújo, diretor da Sociedade Amigos da Pinacoteca, realizou no Palácio Potengi.

Outsider Art

Uma live realizada em 25 de maio de 2021, conduzida pelo professor Geraldo Porto, doutor da Unicamp, e que foi transmitida pelos canais do Museu Câmara Cascudo e Sociedade Amigos da Pinacoteca,



Divulgação do VI Salão Dorian Gray e Festival Cores do Interior com o lançamento da Revista Paleta Nº 1

apresentou o artista plástico potiguar Antônio Rozendo de Lima, que é natural de Alexandria. A arte produzida pelo potiguar está nos museus da Europa e é dedicada ao Outsider Art, conhecida também como Art Brut, que significa Arte Bruta.

Salão

Na linha de exposição, ocorreu o VI Salão Dorian Gray e Salão Cores do Interior, em Natal e Mossoró. Foram realizadas exposições online e lives com os participantes. O ano 2021 também foi marcado pela exposição Mulheres na Política.

O ENCANTO SEMPRE NOVO DO FEIO: da Semana de 22 aos dias atuais



Margot Marie

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora da rede pública municipal de Natal e estadual do RN

Cem anos separam os artistas Alfredo Neves, Aluísio Azevedo Júnior e João Andrade da Semana de Arte Moderna de 22. Naquela ocasião, nomes de variadas expressões artísticas reuniram-se para marcar para sempre a história da arte nacional. Hoje, em 2022, os potiguares de raízes e de coração, juntaram-se em suas artes para abrir as comemorações ao centenário da Semana de 22 na capital norte-rio-grandense.

O encontro intitulado “O encanto sempre novo do feio: da semana de 22 aos dias atuais” é uma citação referenciada por Pietro Maria Bardi, na obra *O Modernismo no Brasil* (1978), sobre a Exposição de Anita Malfatti, em 1917. A expressão tanto utilizada no início do século passado quanto agora ao presente evento traz uma valoração interessantes, isso porque os artistas modernistas participantes da Semana de Arte Moderna e os contemporâneos Alfredo Neves, Aluísio Azevedo Júnior e João Andrade trazem figurações (ou abstrações) que fogem a um padrão, causando uma ruptura com o tradicional, com o parnasianismo, com imagem idealizada.

No que diz respeito ao “encanto”, esta expres-



Arte de
Alfredo Neves

são remete ao espanto, à provocação que a arte traz em suas nuances. Por sua vez, o advérbio “sempre”, por corresponder a uma generalização, reforça a carga valorativa que o fazer artístico carrega em si – uma vez que retratada causará uma inquietação no espectador, leitor, apreciador da obra reverberada.

Já o “novo” é a novidade, é a surpresa que a arte motiva em quem a percebe, consome, ou seja, quem é tocado por ela. Para reforçar a questão do incômodo, a

sentença evidencia o elemento que gera nos amantes da arte uma espécie de “ruptura” em detrimento do belo.

“De 22”, conforme mencionado é uma referência ao movimento da Semana de Arte Moderna de 1922 e “aos dias atuais” remete à contemporaneidade do diálogo estabelecidos com as obras daquela época com as de hoje.

Aproximando o século, a passagem do tempo ao recorte trazido pelas obras de Neves, Azevedo Jr. e Andrade, podemos destacar alguns elementos e recursos nas obras do trio de artistas, a saber, elencamos: cores, formas e movimentos com elementos que se fundem e chamam a atenção do apreciador.

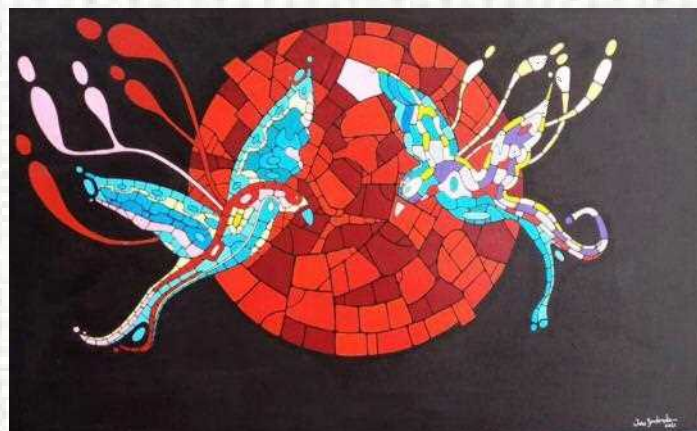
No que diz respeito às cores, os três artistas são bem generosos: Alfredo Neves – com suas telas majoritariamente abstratas, goteja, esfumaça, faz bricolagens, imprime e repassa sobre suas telas em cores primárias, secundárias, mistas, “cores reais e cores possíveis”, ou seja, possivelmente reinventadas em suas combinações pictóricas.

Aluísio Azevedo Júnior, em suas obras, com técnicas, evidenciadas em óleo sobre tela, provoca uma conversa entre elementos figurativos e abstratos; seu figurativismo, por sua vez, remete ao ser político e social – saltando às telas do artista um engajamento político-social que não cabe no sujeito: o que incomoda ao ser civil e é derramado e reverberado sobre as suas telas.

As obras de João Andrade, escolhidas para esta exposição são um recorte de pelo menos 3 técnicas joãoandradeanas: uma que se assemelha a fractais – com riquezas de detalhes, figuras e símbolos escondidos em segredos revelados aos olhares atentos e curiosos dos apreciadores; a técnica abstrata e uma terceira que conflui entre o abstrato e o figurativo. E



Arte de
Aluísio Azevedo Junior



Arte de João Andrade

o que dizer de suas cores? Estas são bem marcantes tanto no contraste, no tom sobre tom, ou uma dégrée e o multicolorido multifacetado.

Quanto à forma e ao movimento, essas obras causam rebulição primeiramente no artista, que ao se incomodarem nos seus tempo-e-espacos, nos seus eus, nas suas questões pessoais e universais produzem o que por ora se expõe na livraria Manimbu, na segunda quinzena de março, cem anos depois da Semana de Arte Moderna; secundamente, nas telas, as quais se mostram como



Arte de Aluisio Azevedo Junior

“obras que não cabem em si” e, em especial, Neves e Andrade que trazem telas que recorrem a elementos 3D como faces que saltam do espaço bidimensional querendo assim invadir os espacos até do expectadores, estopas que ao se movimentarem geram figuras que se formam e transformam o imaginário do apreciador – será uma nova forma de teimosia?!

Azevedo traz discursos que remetem em prosas e formas em sua obra. Palavras, olhos, bocas, mãos tudo enormemente demonstrado, como se revelasse que nada aqui é gratuito, nada sai impune.

Diante dessa breve leitura do evento, convido aos demais a conhecerem as obras desses talentosíssimos artistas, seja nesta ou em outras exposições coletivas ou individuais desse fantástico trio.

Nos encontraremos...

Margot Marie

Manimbu, noite da vernissagem,
17 de março de 2022



Arte de João
Andrade

MARGOT MARIE

não é poetisa; Margot Marie é a musa. Margot Marie é o codinome de Margareth Pereira Dias. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora da rede pública municipal de Natal e estadual do RN e revisora de textos. É amante das artes, em especial, da poesia, música e das artes visuais.

Newton Navarro - uma ponte para a modernidade



¹ *Manoel Onofre de Souza Júnior*

Desembargador aposentado
e escritor

Não é apenas figura de retórica dizer-se que Newton Navarro representa, no Rio Grande do Norte, uma ponte para a modernidade. Foi ele um dos introdutores da Arte Moderna em Natal, aqui realizando exposição de pinturas, que scandalizou, pelo seu vanguardismo, a cidade acanhada e provinciana, até então presa a uma arte acadêmica, passadista. Com ele juntou-se Dorian Gray Caldas numa espécie de apostolado modernista, embora tardio. Mas, Newton, tal como Dorian, foi muito mais do que artista plástico: escritor, dos maiores que já tivemos, incursiou por diversos gêneros literários - conto, crônica, poesia, dramaturgia, ensaio - com maestria incomparável, e teve por temática a sua amada cidade Natal, especialmente alguns recantos desta. No livro de sua autoria, “Beira Rio”, cantou o Potengi velho de guerra, o bairro da Ribeira, seus mistérios e encantos boêmios; “Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros”, outra coletânea de suas crônicas, gravou o lirismo da Redinha, a praia, os veranistas, a vida “risonha e franca” dos bons tempos. E não ficou só aí, mas, em quase tudo que criou, seja como escritor, seja como artista plástico, Newton deixa transparecer seu amor por Natal. Sempre no

mais alto padrão de qualidade. Sem dúvidas, é o nosso maior contista, e ao lado de Dorian Gray, um dos nossos melhores artistas plásticos.

Como reconhecimento a tudo que fez de bom e de belo, tem recebido algumas homenagens *in memoriam*, destacando-se a que lhe foi prestada pela Governadora Wilma de Faria, que deu o seu nome à ponte, construída pelo seu Governo, sobre o rio Potengi. Justa homenagem a quem tanto exaltou, em páginas lindas, os dois lados do rio sobre o qual salta a ponte.

Pois, caros leitores, imaginem o meu espanto quando soube que um deputado estadual, cujo nome não me ocorre, quer mudar o nome da ponte para Wilma de Faria. É lamentável! Não que a ex-Governadora desmereça

a homenagem; pelo contrário, Wilma de Faria tem o seu lugar garantido na História do Estado; não poderia faltar num panteão que se erigisse em honra das nossas grandes personalidades, notadamente pelo seu pioneirismo, como mulher, na vida pública. Sensível à Cultura, ela teve, inclusive, o mérito de dar o nome de um grande artista de sua terra à ponte que construiu.

Tenho certeza de que, se viva fosse, ela seria a primeira a protestar contra o verdadeiro atentado que se quer cometer contra a memória de Newton Navarro, vale dizer: contra a Cultura e a Tradição.

Em tempo: o Conselho Estadual de Cultura, a Academia Norte-rio-grandense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico, a UBE-RN, bem como o jornalista Vicente Serejo e outros já se manifestaram contra a pretendida mudança de nome da ponte.



Ponte Newton
Navarro

Para quem não sabe:

O artista plástico

Segundo Iaperi Araújo, Navarro é o maior de todos, no Rio Grande do Norte. Sem dúvidas, o melhor dos nossos desenhistas. Domina a técnica da pintura a óleo e da aquarela, mas não produziu muito, nestas modalidades. Menos ainda na gravura: deixou duas, apenas. Painéis seus encontram-se em vários prédios de Natal.

“Ele não se situa em nenhuma Escola de Pintura. Vincula-se a um grafismo pleno, permanente” (Profa. Marlene Gouveia Galvão-Coleção Textos Acadêmicos, nº

73, UFRN. Natal, 1982).

Sua carreira divide-se em três fases distintas: a) A primeira, dos tempos iniciais, ainda no Recife, sob a influência de pintores recifenses, especialmente Cícero Dias; b) a segunda fase, “caracterizada pelo telúrico, pela busca das

coisas do povo, do chão, numa tentativa de se libertar da influência de Cícero Dias, mas, sensivelmente, preso à pintura de Lula Cardoso Ayres, seu mestre”; c) a ter-



ceira fase: “Hoje, a minha criatividade limpa, onde eu uso o pescador, a rendeira, o vaqueiro, os santos, o Cristo... que eu tentava re-

produzir, desde os 5 anos, na calçada alta da minha casa” (depoimento de Navarro, ob. cit.).

Sua temática preponderante é o Nordeste, tanto o sertão do seu pai, quanto a cidade do Natal, onde nasceu e morreu (1928-1991).

BIBLIOGRAFIA

Desembargador aposentado, escritor, É autor de “Chão do Simples” (contos), “Ficcionistas Potiguaras” (ensaio), “O Caçador de Jandaira” (crônicas) e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.”

Semana de arte moderna



Profa. Geruza Câmara

Arte Educadora, com habilitação em desenho, Geógrafa, Professora universitária e Museóloga

O que foi?

Uma manifestação artístico-cultural, que no início do século XX reuniu música, dança, poesia e artes plásticas em concertos, conferências e exposições; inaugurando um novo movimento cultural no Brasil. Os artistas, escritores, poetas e músicos brasileiros deveriam ter como base para suas produções as raízes nacionais: as formas, cores, linguagens e sons que expressassem a identidade genuinamente brasileira.

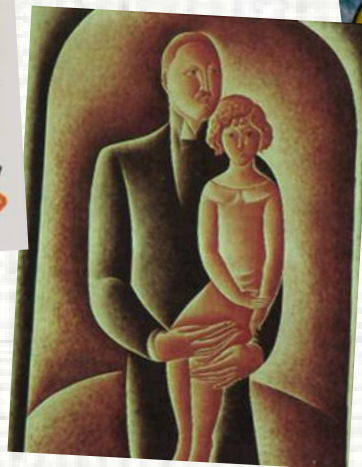
O propósito era criar uma maneira de romper com os parâmetros que vigoravam nas artes em geral. O país passava por grandes transformações sociais e econômicas resultantes do convívio com diferentes culturas oriundas de muitos imigrantes de diferentes países que aqui se chegavam. A busca de uma arte brasileira livre das regras do academicismo era o novo caminho.

Onde e quando aconteceu?

Ocorreu em São Paulo no Teatro Municipal nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922. Embora seja o momento decisivo de ruptura com a tradição europeia, é relevante lembrar que a primeira exposição de pin-



tura moderna realizada no Brasil aconteceu em 1913, também em São Paulo e Campinas, destacando o trabalho do pintor expressionista de origem russa Lasar Segall. Em 1917 o Brasil assistiu a exposição de Anita Malfatti que provocou falatórios e protestos.



Quem estava presente?

Anita Malfatti, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Victor Brecheret, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Heitor Villa-Lobos, Di Cavalcanti e outros.

Curiosidades?

- Foi em 1922 porque marcava o centenário da Independência do Brasil, simbolizando também a independência das artes brasileiras em relação as formas anteriores.
- O evento chocou a população brasileira pelo fato de apresentar novos e diferentes conceitos artísticos.
- Alguns atribuem a iniciativa do evento ao escritor Graça Aranha e outros ao pintor Di Cavalcanti.

- Di Cavalcante criou a capa do catálogo e o cartaz da Semana de Arte.

- O maestro Villa-Lobos utilizou elementos da música popular e indígena em peças musicais apresentadas no evento.

- Tarsila do Amaral não se encontrava no Brasil e sim na França neste período.

Fotógrafo Ambulante: uma profissão que desafia o tempo



Alex Gurgel

Fotógrafo, jornalista e professor de fotografia

Os fotógrafos ambulantes surgiram nas primeiras décadas do século XX, trabalhando em praças e parques. Eram quase sempre procurados para registrarem momentos especiais, familiares ou para tirar retratos para documentos do tipo 3x4.

Depois de um longo período sem ter eventos e com a abertura do comércio, mesmo com as restrições necessárias por causa de pandemia, é fácil ver alguns serviços voltando a atividade, inclusive o Fotógrafo Ambulante, um profissional que “quase” se perdeu no tempo com a advento dos celulares com câmeras fotográficas de última geração. Mas, eles ainda estão na ativa usando a criatividade para sobreviver num mundo audiovisual avançado onde o aplicativo Instagram exige rapidez nas fotos instantâneas para se obter milhares de curtidas do seguidos e usuários.

Trabalhando nas ruas, praças, parques e jardins públicos das cidades brasileiras ao longo de todo o século XX, o fotógrafo Lambe-Lambe (ambulante) pode ser considerado um importante

agente responsável pela democratização e pela popularização do retrato fotográfico entre as classes menos privilegiadas de nossa sociedade. “O retratismo de caráter mais popular teve no lambe-lambe o seu maior aliado”, Observou o escritor Nicolau Sevcenko no livro “Histórias da Vida Privada no Brasil, São Paulo, Companhia das Letras - 1988.

Os fotógrafos ambulantes são fáceis de ser encontrados nas festas mais populares como na Festa do Boi, que terminou no último domingo (21 de novembro de 2021) ou em festa de padroeiros dos municípios em todo o Nordeste. No evento “Natal em Natal” é comum se deparar com Seu Jonas, um fotógrafo ambulante que está atuando aos pés da grande árvore de natal, em Mirassol. Todas as noites, Seu Jonas leva seu cavalo de madeira para fazer a alegria da criançada que quer ser retratada por apenas R\$ 10,00 uma foto impressa na hora. Ele ainda não se importa se os pais da criança tiram fotos com o celular. “As fotos do celular não têm a mesma qualidade da minha câmera”, revela.

Na Festa do Boi também era muito fácil encontrar Seu Marcos, um senhor na casa dos seus 50 anos, pernambucano de Recife, que viaja em busca de festas agropecuárias, de padroeiros e vaqueiradas, carregando um pônei e um boi em miniatura vivos. Ele explica que deixou o cavalo de madeira de lado porque os animais vivos dão mais realismo a fotografia, além de cha-



mar a atenção da garotada. Ele cobrava R\$ 20,00 por cada fotografia impressa na hora. Uma fila de pais se formava para fotografar seus filhos, enquanto a companheira de Seu Marcos imprimia a próxima fotografia que era entregue ao cliente em menos de 5 minutos.

Pelas ondas da Internet, há um documentário muito bom mostrando o cotidiano de alguns fotógrafos ambulantes cearenses. “Câmera Viajante” é um documentário dirigido por Joe Pimentel com duração de 20 minutos que apresenta a essência da fotografia ambulante cearense. Acompanhando 5 fotógrafos ambulantes, Belo, Chico Alagoano, Dedé da Neusa, Isaías, Júlio Santos o documentário retrata o cotidiano da profissão, o olhar por trás das lentes e as tentativas de registrar as emoções nos cliques. Passando



pelo processo de venda e atendimento de clientes no mercado fotográfico de eventos, Câmera Viajante traz um filme mais técnico do que artístico.

Registrando os acontecimentos da vida cotidiana nos espaços públicos das cidades, a documentação fotográfica produzida pelo fotógrafo ambulante, é uma opção mais barata em relação aos caros e sofisticados estúdios fotográficos. O fotógrafo ambulante é

um profissional que presta os seus serviços para a comunidade, constituindo-se como um importante testemunha da interação social de diferentes grupos no espaço público, atuando socialmente como um elo de ligação entre as diferentes gerações. O fotógrafo ambulante pode ser definido como um guardião da memória e cronista visual de uma determinada comunidade.

Três documentários brasileiros que abordam a riqueza no universo da fotografia. Procure na Internet ou no seu streaming preferido e prepare a pipoca:

1. O Sal da Terra (2014 – 110 min): Embora seja uma produção francesa, o documentário acompanha a trajetória do renomado fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado durante a expedição do projeto Genesis que retrata regiões e civilizações pouco exploradas em todo o planeta. O longa-metragem foi indicado ao Oscar de melhor documentário no ano de 2015.

2. Iluminados (2007 – 100 min): A produção retrata o olhar sobre a fotografia de cinema, pelas lentes de alguns dos mais importantes profissionais do ramo

no Brasil. Os entrevistados são desafiados a filmar a mesma cena, e as escolhas individuais de movimento de câmera, iluminação e equipamento revelam estilos e fotografias bastante pessoais.

3. Câmera Viajante (2007 – 20 min): O documentário aborda o trabalho de fotógrafos ambulantes que vivem no sertão do Ceará. A narrativa se constrói a partir da visão de cinco retratistas populares, apresentando surpreendentes diferenças culturais e perspectivas em relação a fotografia.

Folclore / Arte cultura

Saberes populares



Socorro Evangelista

Artista plástica

O decorrer da vida retrata o aprendizado oriundo do passado, presente. São saberes populares de maior valor multidisciplinar transmitidos por nossos ancestrais. O folclore é a voz do povo.

A cultura popular, são costumes retratados nas leituras que vem passando de geração a geração, que caracterizam a identidade do povo em cada região.

O valor da arte/ cultura é incalculável por despertar a fluidez da sensibilidade humana, o prazer de apreciar o tear de um bordado a troca de bilros entrelaçando linhas gerando o esplendor das rendas maravilhosas. A sensibilidade de toda expressão artística representada na pintura na dança no circo, no imaginário das estórias de trancoso, mitos, lendas, folguedos, brincadeiras populares e tantas outras vivencias. São saberes oriundos de outras culturas, em especial, in-

dígena, africana, portuguesa entre tantas outras leituras que pincelam o nosso cotidiano. Costa Brito diz: “no século XVIII a Europa dá um sentido a palavra KULTUR - processo de reconhecimento das artes dos costumes e das civilizações”. Por tudo sabemos o quanto é importante o significado da arte para o desenvolvimento plural da cultura / educação / religiosidade / economia / turismo. Natividade Pereira ressalta os saberes populares dizendo: “pode-se ter uma consciência maior de nossas

origens”. Iaperi Araujo diz que os saberes são: “traduzidos como elementos da expressão da cultura popular em seus mitos, lendas, medo e paixão preservando a tradição da arte in si ta como reflexo da formação do povo”. Representando assim o retrato das nossas origens, passado- presente na nossa cultura.

Dai a importância de repassar os conhecimentos vi-

venciados através de tradições para gerações futuras, entendendo a inclusão de temáticas trabalhadas nas instituições de Ensino pesquisa e extensão. O valor de cada lembrança na construção de uma nova linha de perspectivas ampliando o conhecimento científico e transdisciplinar.



A SAIA DO AMOR



Adriano Caldas

Artista gráfico e escritor,
mestre em ciências
sociais pela UFRN

A velha fiandeira então tece o seu fio invisível e no seu fiar novos universos são criados. Magos e bruxas, cavaleiros e as damas do lago, crianças adentram em perigosas florestas cercadas de criaturas ancestrais. As histórias infantis passadas por gerações de forma oral marcam não apenas as identidades culturais e linguísticas de um povo ou grupo étnico, mas também a sua herança espiritual.

Da organização da primeira compilação de contos feita no século XVII na França por Charles Perrault, passando pelos estudos linguísticos dos irmãos Grimm no século posterior foi durante o Romantismo que o grande acervo da literatura infantil foi consolidado. O Romantismo, tentando se afastar das influências

“A velha fiandeira
continua sua reza
de histórias infindáveis.
Divindade criadora
de universos míticos”

O universo das Histórias Infantis pelo olhar de Ana Catarina Silva Fernandes

clássicas do período anterior busca as suas raízes inspiradoras na Idade Média, verdadeira fonte das suas riquezas culturais. Foi neste período que intelectuais como Goethe na Alemanha e Andersen na Dinamarca passam ao estudo sistemático das origens destas histórias. O resultado destes estudos foi a percepção de uma unidade tanto temática como linguística, determinantes para uma construção política dos estados nacionais, até então dispersos em territórios independentes, formando a ideia de

uma nação com uma mesma língua e valores culturais. Destas pesquisas surge o termo folclore, a cultura popular.

No Brasil se deu de forma semelhante, escritores como Monteiro Lobato reuniram os diversos mitos do nosso folclore oriundo



da nossa rica herança cultural, de matriz africana, indígena e europeia e criou novas histórias contadas e recon-tadas em livros infanto-juvenis. Atualmente, todo esse material passa a ser usado de forma pedagógica em sala de aula tanto para alfabetização, para formação do prazer da leitura para os jovens, como também para tratar de temas complexos de forma lúdica e sensível.

Foi neste contexto que tive o prazer de conhecer e receber em minha casa a autora do livro A SAIA DO AMOR de Ana Catarina Silva Fernandes. Ana Catarina é natalense, professora de Literatura Brasileira, cro-

nista, contista e ensaísta. A SAIA DO AMOR, seu livro de estreia foi inspirado em uma história real, de uma mãe e o amor ao seu filho especial, protegendo-o de um mundo que não o compreende e nem o aceita, construindo um universo único de carinho e poesia para que ele pudesse se sentir incluído. O livro de Ana teve uma excelente recepção de crítica e público, o que proporcionou um convite à Brasília, na Secretaria Nacional de Alfabetização junto ao Ministério da educação. A autora segue seu ciclo de palestras e aulas em que temas imprescindíveis da nossa sociedade atual são trabalhados.

Entrevista para revista paleta

Paleta: Como você teve contato com o tema, se foi inspirado em um caso real, como foi o processo de adaptação para o livro.

Ana Catarina: A história da SAIA DO AMOR está contida em uma história maior que é história de mães e filhos que vivem a experiência das alegrias e das vicissitudes do amor materno. Um amigo querido me contou que a mãe dele "guardava" um dos filhos atrás da SAIA - e eu quis eternizar esse movimento de "cuidados" - dessa mãe que tentava proteger seu filho de uma sociedade despreparada para com as diferenças.

Paleta: Qual foi a melhor forma de contar essa história, qual foi a linguagem utilizada?

Ana Catarina: A literatura foi a melhor maneira que encontrei para recriar um fato dentro desse universo paralelo - que é o mundo literário. Pensar em uma linguagem simples e poética que atendesse a adultos e crianças, preservando a identidade e os sentimentos de cada um foi um grande desafio.





Paleta: É bastante perceptível vendo o seu livro a força das imagens. Qual a importância do processo visual no desenvolvimento da história?

Ana Catarina: Meu ilustrador Roberto Silva capturou entre pinceladas de aquarelas os movimentos da SAIA DO AMOR. E com a perspicácia dos grandes escorredores de luz deu movimentos imagéticos a mãe e as crianças dessa história.

Paleta: Inclusive cada personagem possui uma identificação visual própria.

Ana Catarina: Imprimiu personalidade e lugar de destaque para cada uma, para que os leitores se reconhecessem por meio dos traços dos olhos até a cor da pele.

Paleta: Quais foram as repercussões na sociedade que se livro proporcionou, encontros, vivências, viagens etc.

Ana Catarina: A SAIA DO AMOR foi generosamente partilhada, e creio que tem cumprido o papel da literatura que é o da comunhão.

(Na: como descrito nas imagens).

Algumas imagens sobre A SAIA DO AMOR em Brasília.

Na sequência das fotos: com a Primeira Dama Michele Bolsonaro, com o Secretário Nacional de Alfabetização do Juntos ao MEC - Carlos Nadalim, com a Secretária Nacional de Atenção À PRIMEIRA INFÂNCIA - Luciana Siqueira Lira de Miranda. As demais fotos são da contação de histórias no Palácio da Alvorada e em um momento de Publicação no Ministério da Cidadania.



Além do que se vê



Carlos Alberto Josuá Costa

Engenheiro Civil, Escritor e Membro da Academia Macaibense de Letras.

O caminhão baú estacionado próximo ao elevador de serviço do condomínio dava clara demonstração de que uma mudança estava acontecendo. Parte dos móveis estava acomodada e outra parte, juntamente com algumas bugigangas, estava espalhada pelo hall de entrada.

— Lucas essa mudança está chegando ou está saindo? Ele num reflexo mental apontou para uma moldura vazia, provavelmente de algum quadro e taxativamente respondeu: “- Tá saindo, vovô. É lá do quinto andar”.

A razão pela qual a resposta foi certa deveu-se ao reconhecimento da tal moldura que estava acostumado a observar, no apartamento de seu coleguinha.

Não tive como não imaginar a sensação de liberdade que possivelmente a fotografia ou a paisagem estava experimentando por ter sido desmoldurada.

Certamente também temos molduras que aprisionam algumas de nossas atitudes, sentimentos

e emoções, pelo envolvimento egoísta da indiferença e da falta de amor, como que intocáveis pela invisibilidade que nos condiciona.

Na galeria da vida diversas situações nos fizeram seguros pela proteção de alguma espécie de moldura. Algumas delas provisórias, outras tão definitivas que até hoje não somos capazes de dispensá-las. São as molduras da confiança, da esperteza, da fé, da comodidade, da esperança e mesmo do medo de encontrar a liberdade de falsos sentimentos.

Ali estamos quietinhos, tal qual uma pintura de uma águia, que por mais bela que seja nunca alçará voo, pois mesmo que adquirisse vida, estaria contida por uma moldura tão bela quanto.

Não fomos feitos para sermos emoldurados pela preguiça, pela falta de ânimo, pelo desprezo, pela incompetência, pela insensatez. Antes de enobrecer as galerias com nossos semblantes, temos uma luta ferrenha em tornar a vida digna de vitória pelo cumprimento da missão designada pelo Pai.

Sermos a imagem e semelhança de Deus exige de nós, expansão de gestos criativos e ações que contribuam para um mundo mais justo, solidário e provedor de oportunidades para todos.

Precisamos agir com decisão, persistência e coragem, pela prática diária do bem, convictos de que

“A metade do trabalho
que se faz neste mundo é
para fazer as coisas
parecerem como elas
realmente não são
(Elias Rost Beadle)”

enquanto não somos emoldurados, temos que avançar resolutamente em direção àquilo que sentimos ser a nossa missão.

Os museus guardam em suas paredes, molduras de personagens que já contribuíram com seus dons, para que hoje possamos admirá-los como incentivadores da concretização dos nossos ideais.

Amanhã, quem sabe, também não estaremos emoldurados numa sala qualquer, porém certos que aquela moldura apenas é um entorno esculpido, mas, que, enquanto latentes, fomos livres e desmoldurados pela constância na busca de realização de algo positivo.

Ah! Se os rios, os barcos, os pássaros, as flores, as crianças, os sorrisos pudessem sair das molduras e voltar a encantar a vida.

Não podemos também desprezar a moldura vazia, pois nela há além do que se vê: sentimento, cuidado, emoção, vivência, e proteção que outrora desempenhou.

Se pudéssemos, no “salão dourado”, receber aqueles encerrados pelas molduras para uma conversa, certamente muito teríamos a aprender sobre o quanto foram significativos em suas missões.

Quantos não eternizaram sentimentos que

“
*Tudo na vida
está além do
que se vê!*”



nunca foram correspondidos, amores e sorrisos não retornados, lágrimas derramadas sem um afago.

Enquanto alguns se apegam à beleza da moldura, outros talvez estejam com o grito sufocado pedindo para tirá-los dali, para livrá-los daquele entorno que limita os rastros daquilo que foram um dia.

Temos também as molduras invisíveis, que são aquelas quando conhecemos uma pessoa e emolduramos a imagem que dela fazemos, com rótulos prematuros, sem antes interagirmos com sua história de vida.

O tempo e as escolhas que fazemos vão delineando a moldura que será utilizada em favor de nossa memória. Mas enquanto não é decidido o tipo, o entalhamento, se prateada ou dourada, cuidemos de deixar de lado os excessos que nos contaminam de vaidades e futilidades.

Deixemos que os outros enxerguem em mim e em você o que há de melhor: afeto e generosidade.

Certamente seremos encerrados na mais bela moldura: a da gratidão.

Portanto, tenhamos em mente que tudo na vida está além do que se vê!

Manoel Onofre Neto: *arte nas veias*



Thiago Gonzaga

Doutorando em Literatura Comparada (UFRN), mestre em estudos da linguagem (UFRN) e especialista em literatura e cultura do RN (UFRN).

Manoel Onofre de Souza Neto, nasceu em Umarizal, sertão potiguar, a 17 de Julho de 1972, filho de Carlindo Pereira de Melo e Sônia Onofre Pereira de Melo. Estudou em educandários daquela cidade e de Natal, graduou-se em Direito pela UFRN. Antes de ingressar no Ministério Público, exerceu a advocacia e o magistério, havendo integrado a diretoria da Escola Superior de Advocacia, da OAB/RN. Atualmente ocupa o cargo de Promotor da Infância e Juventude, na Comarca de Natal. Em 2009, foi eleito e nomeado Procurador Geral de Justiça do RN, um mandato de dois anos, tendo sido reeleito.

Onofre Neto cultua, nas horas vagas, as artes plásticas, como colecionador e é leitor contumaz de romances, contos e poesias. Membro da Academia de Letras e Artes de Martins/RN, (ALAM), é autor do livro “Moralidade Administrativa” (Natal, 2013), fruto da sua dissertação de Mestrado perante a Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa.

Seu interesse pelas artes plásticas acentuou-se quando, em sua estadia na Europa, teve oportunidade de conhecer importantes museus e galerias de arte.

Na entrevista, a seguir, divulgada inicialmente no Jornal de Fato, Manoel Onofre Neto nos fala de sua coleção e dos seus planos para o futuro.





THIAGO GONZAGA - **Como colecionador, amante das artes, você poderia falar um pouco de como se estabeleceu e vem se estruturando o seu acervo?**

MANOEL ONOFRE NETO - Tudo começou no Oeste Potiguar, nas minhas queridas Martins e Umarizal, pitorescas cidades incrustadas naquela árida região, onde vivi meus primeiros

e valiosos 15 anos. Quando criança o acesso às artes e às variadas expressões artísticas sempre foi bastante limitado. O encantamento surge a partir da observação dos dotes artísticos da minha mãe, deveras prendada, e que sempre se esmerou nas festas dos meus aniversários e dos meus irmãos, emprestando imensa criatividade na decoração da mesa, nas lancheiras e bolos ricamente confeitados, herança da formação obtida na Escola Doméstica de Natal. D. Sônia era “jeitosa” em tudo que fazia, inclusive nos bordados, costuras, pinturas, culinária e enfeites das capas dos nossos trabalhos escolares. Da escola vieram os ensinamentos das queridas “Tias” Zeneide, de Celeste de Cassimiro, e Zilda. Com elas manejavamos entusiasticamente pincéis com aguadas, óleo e acrílica sobre papel e tecidos, quase sempre retalhos de lençóis carcomidos, além de colagens. Havia uma artista/artesã em Umarizal com quem eu passava horas. Escapulia de casa para o atelier dela, e lá ficava observando, encantado, o processo criativo de Bernadete.

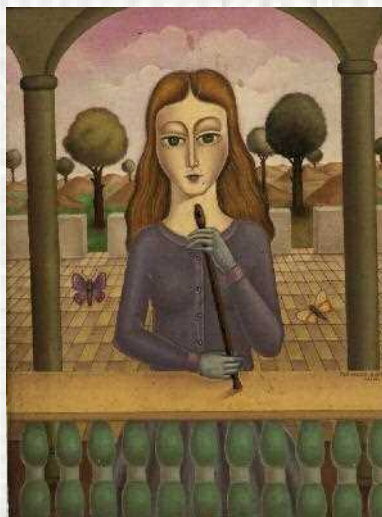
Os quadros pendurados na parede da minha casa, presenteados por Tio Jr. (Manoel Onofre Jr) me

fascinavam, dentre eles gravuras de Picasso (O retrato de Paul, filho de Pablo, vestido de arlequim) e serigrafias e obras de Dorian Gray, Newton Navarro, Carlos José e outros. As ilustrações das enciclopédias Barsa e Conhecer eram diariamente por mim visitadas, sem esquecer as peças de arte sacra e popular que ornavam a nossa residência. As conversas e provocações no campo das artes vindas dos Tios Júnior e Cícero completam esse cenário inicial. Lembro perfeitamente quando, ainda criança, Manoel Onofre Jr. apresentou-me ao pintor belga René Magritte. O impacto do “O Império das Luzes” foi devastador. A base para o caso de amor com a arte teve essa amálgama carregada de afetos.

T.G. - Como você adquire suas obras e qual o critério utilizado?

M.O.N. - Geralmente adquiro obras diretamente dos artistas. Sou fascinado pelos processos criativos e dinâmicas empregadas na construção dos trabalhos. Gosto da companhia, via de regra interessante, dos artistas e do universo das artes. Compro também em galerias, como a B 612, espaço mágico

capitaneado por Anchieta, que costumo frequentar aos sábados, juntamente com outros apaixonados, como Edrisi Fernandes. Costumo garimpar também no Mercado de Petrópolis, repleto de lojinhas e pequenos antiquários; nas Galerias do Centro de Turismo e do Complexo Iguales, sem esquecer os sebos da cidade, todos de visitação obrigatória. Destaco, ainda, o Bardallos Comida



e Arte e o ateliê de Jotó, artista e moldureiro de primeira grandeza, que lidera a cena artística em torno do Beco da Lama. Antônio Marques e Nildo são duas bússolas quando se pretende, de forma segura, adquirir obras, sem falar na intimidade com que eles referenciam os nossos artistas, reflexo de anos de convívio. Busco sempre priorizar a arte e os artistas potiguaros. Nela desfruto do provinciano ao universal, transitando por todas as escolas, movimentos e técnicas. A expressão artística potiguar é riquíssima e diversificada, porém ainda carente de apoio e fomento mais estruturado. Sobreviver da arte na província não é nada fácil.

T.G. - Quais seus planos em relação a essas obras de arte?

M.O.N. - Pretendo abrir um espaço artístico-cultural no Oeste potiguar que faça sentido à minha comunidade e consiga estimular e atizar o gosto pelas artes, além de fomentar a produção cultural naquela região bastante sofrida. Espero conseguir impactar no turismo, potencializando alternativas já existentes, tendo como principal objetivo homenagear a arte e os artistas norte-rio-grandenses e institucionalizar antigo sonho da minha mãe. Importante registrar que esse tem sido um projeto partilhado por diversos amigos, que entusiasticamente apoiam e torcem para que ele se materialize brevemente. A sustentabilidade é algo que precisa ser muito bem trabalhado.

T.G. - Qual a sua formação na área das artes plásticas, você fez algum curso para se especializar?

M.O.N. - Como entusiasta tenho realizado diversos cursos ligados às artes plásticas. Tive a honra de ser aluno de um dos maiores artistas potiguares, meu amigo Fernando Gurgel. Com ele aprendi as primeiras noções sobre desenho e técnicas de pintura. Aliás, pintar ainda é um projeto pendente, mas que em breve pretendo colocar em prática. Recentemente estive, por um mês, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ, onde frequentei cursos de formação livre em desenho, arte contemporânea e arquitetura para arte. Colecionismo, mercado e história da arte também são temáticas em que tenho buscado me especializar.



T.G. - Quais, em sua opinião, os principais artistas plásticos do Rio Grande do Norte, de todos os tempos?

M.O.N. - Temos uma tradição consistente nas artes plásticas no Rio Grande do Norte. Cito, como referências incontestáveis, Erasmo Xavier, Moura Rabello, Hostílio Dantas, Dorian Gray, Newton Navarro, Thomé Filgueira, Maria do Santíssimo, Iaponí Araújo, Marieta Lima, Irmã Miriam, Manxa, Abraham Palatnik, Zaíra Caldas e Leopoldo Nelson. Para evitar injustiças, deixo de declinar os nomes dos que ainda estão entre nós. As artes visuais potiguares têm experimentado uma renovação muito interessante, fazendo valer o enorme potencial criativo do nosso povo.

BIBLIOGRAFIA

Graduado em Letras, mestre em Literatura Comparada, Thiago Gonzaga é escritor e pesquisador da literatura norte-rio-grandense, autor de "Impressões Digitais: Escritores Potiguares Contemporâneos" (3 volumes); "Presença do Negro na Literatura Potiguar", "Literatura Etc.", "Uma Outra Estação" (contos) e outros livros. Editor da Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, também atua como animador cultural à frente do projeto "Caravana de Escritores", destinado a difundir nossas letras em diversas escolas públicas do Estado."

SENSUALIDADE

uma exposição tocante



Vicente Vitoriano

Professor, artista visual, cantor, crítico de arte e curador de artes

Sexo, sensualidade, erotismo, pornografia... Em que obras de arte se confundem ou se estabelecem limites entre estes conceitos? Como abordá-los para “épater la bourgeoisie” ou, muito por outro lado, simplesmente afagar ou tocar a visão do observador, no caso das artes visuais, especialmente o desenho, a gravura e a pintura? Considero notável a resposta dada por 15 artistas ativos em Natal ao desafio de dar uma visibilidade contemporânea ao tema, desafio proposto por Lula Belmont e Ricardo Nelson e que resultou na exposição “Sensualidade”, mostrada no Bardallos entre os dias 16 de dezembro de 2021 e 15 de janeiro de 2022. Anoto, de imediato, que muitos, a maioria dos artistas participantes eram desconhecidos para mim, o que me confirma a persistência do papel de impulsionar as artes assumido por esta dupla de agentes culturais.

A seguir, faço um rol não linear de algumas observações que, auxiliadas pelas imagens, pretendem mostrar alguns aspectos da exposição. Algumas obras deixaram de ser comentadas por força das escolhas temáticas que fiz.

“Exposição
“Sensualidade”,
mostrada no Bardallos
entre os dias 16 de
dezembro de 2021 e 15
de janeiro de 2022.”

Respostas ao desafio

Na resposta dada pelos artistas, observo uma espécie de simplicidade, não uma simplicidade formal, mas uma naturalidade na atitude diante de um tema recorrente em toda a história da arte o que talvez pusesse obstáculo para o exercício do novismo cuja exigência herdamos das vanguardas modernistas. É como se esses artistas fizessem pouco caso deste apelo histórico, sem deixar de mostrar suas individualidades e, só por isto, podem atingir pura originalidade.

O choque e o afago

Há, sim, direções para o choque e para o afago na exposição. Mas não há afrontas como, à época, a de Gustave Courbet com seu “A origem do mundo”. Também não se observa a espetacularidade da nudez nas escolas de samba brasileiras, nem o terror pornográfico, às vezes fatal, do que é possível encontrar na dark web.

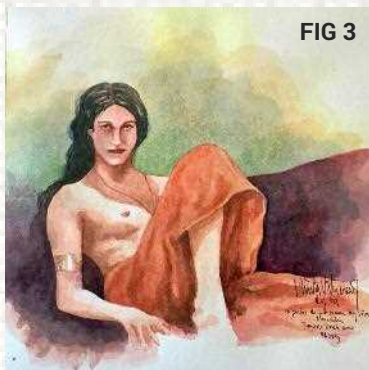
Explicitar e velar

Há explicitação de genitálias como na figura múltipla, hermafrodita, de Garibaldi Soares (Fig. 01) que, na tendência de um certo humor em comentar o que há de sensual na forma gorda, escapa ao vulgar ou pornográfico e, de certa forma, atualiza a tendência gráfica do zentangle, difundida desde o início deste novo século. Mesmo metaforicamente, vejo um falo na língua fotografada por Afonso

**FIG 2**

ção sexual.

Já de forma implícita, a sensualidade se manifesta na andrógina figura do “Bagoas” de Vicente Vitoriano (Fig. 3) que pode atingir a libido de quaisquer pessoas de quaisquer gêneros. Nessa imagem, como também na da singela mocinha de peito literalmente aberto, mostrada

**FIG 3**

por Sarah Fernandes (Fig. 4), o erótico está apenas sugerido, como que construindo desejos ou tentações, na acepção bíblica (a maçã de Sarah Fernandes). A excita-

**FIG 1**

Martins (Fig. 2). Além de à glânde, a língua também remete ao clitóris, sendo estes três membros, aqueles que, no corpo humano, estão normalmente escondidos e que se exibem na exci-

**FIG 4**

ção provocada pelo sugerido lembra de quando a visão de uma nuca, um tornozelo ou mesmo um perfume conduziam a um estado de desejo. A sensualidade, de certa forma misteriosa, ainda nos anos 1960, começou a apelar para a amostragem nas apertadas calças Saint-Tropez dos rapazes ou nas minissaias das meninas, mas os artistas comentados neste tópico optam pelo já perdido velamento e podem chegar à nostálgica instigação do apenas imaginado.

Considerando a oposição explícito/implícito, chamo a atenção para o seio de Lucas MDS (Fig. 5) intensamente marcado pelo sol, indicando a ausente peça de um biquíni que estivera escondendo-o e ao seu mamilo. Na mesma imagem, o artista ainda apõe orquídeas, comuns como metáforas de vaginas.

**FIG 5**

Ainda seios

Muito talentosa, a pintora (ah! Uma pintora!) Renata Lisieux (Fig. 6), num misto de naturalismo pictórico e ilustração contemporânea, associa exuberantes seios e lábios lúbricos à relação entre sexo e álcool e mesmo à oferta dos dois numa relutância entre uma moldura –

FIG 6



obra de Botero, configura uma tônica nesta exposição. A começar pelo cartaz de divulgação (Fig. 07), desenhado por Rita Machado. Ali, em toda sua exuberância, o corpo feminino, longe de ser apenas um apelativo publicitário ou ilustrativo,

esbanja o sentido do poder da mulher em nossos dias. Como que caminhando na direção do fundo da imagem – o futuro?, a mulher nos arrasta e nos deixa à sua mercê, não obstante a sua quase precária construção gráfica feita em poucas, mas precisas linhas.

Nesse sentido de quase monumentalidade e demonstração de poder, Cristian Miranda (Fig. 08) nos mostra massas adiposas de

uma mulher que, mesmo vestida, ou quase isto, está ao mesmo tempo entregue e violentamente nos esmagando

metalinguagem? – e a janela de um prostíbulo.

A forma gorda

Estudada e praticada pelo Dr. Dorian Gray Caldas (sem referências precisas), como em sua “Mater potens”, obra pública dos anos 1960, a forma gorda, muito conhecida na



FIG 7

na nossa pequenez voyeurista.

A forma gorda 2

Raquel Lima (Fig. 09) nos mostra uma Virgem de Willendorf, exemplo contundente de forma gorda na história da arte, resgatada para o presente com suas tatuagens de marcas de grifes famosas. A imagem dessa simbólica representação da mulher como fonte de vida está contraposta à de uma mulher negra, contemporânea, que sangra e repete o gesto de “O grito” de Munch. A beleza e a força femininas estão, assim, mostradas em sua fragilidade diante de tantos tipos de violência que cotidianamente se comete contra a mulher.

Morte voluptuosa

Anoto, por fim, a relação do sensual, mais precisamente do erótico, com a morte. Isto é observável na interpretação que

Diego Germano (Fig. 10) faz de “Voluptas mors”, imagem criada por Salvador Dali e fotografada por Philippe Halsman. Na contramão da exaltação do feminino, Dali pareceu elaborar um libelo misógino. Na exposição, esta imagem talvez crie um contraponto com obras que evidenciam ou relativizam a cada vez mais ampla representatividade da mulher na sociedade.

FIG 9



FIG 8



FIG 10



Pôr do sol no Rio Potengi. Turismo, cultura e arte



Caius Marcellus

Turismólogo e Guia de Turismo Nacional/ Regional e Mercosul
Consultor em Turismo

Com uma vivência em atrativos diversos em boa parte do território brasileiro, surge a ideia de um novo produto turístico em Natal com passeio de barco com o pôr do sol o rio Potengi. uma logística que envolve o interlocutor com nuances particulares que se misturam com a emoção da vivência de um espetáculo natural e seu meio.

Um fantástico passeio que ativa segmentos significativos na área do turismo, trazendo elementos históricos, culturais e artísticos que recontam a narrativa de momentos importantes desde o início da ocupação portuguesa em terras potiguares. A observação através da ótica do rio Potengi em falas atualizadas da cronologia histórica, a importância das populações indígenas, a colaboração do elemento negro como participante na fusão do povo brasileiro, a arquitetura diversificada de pontuações e estilos nos traços diferentes da cidade. A Fortaleza dos Reis Magos a arte colonial, neoclássica e novoe (Frances). Oscar C. Saéz diz: “É a condição da eco- etno- território...a arrematação da cultura”. Um trabalho que

aborda as populações tradicionais pesqueiras e sua importante contribuição para a economia; segundo a Antropóloga Francisca Miller “é o pertencimento ao território” em PESCADORES E COLETORAS. Retratar um paralelo de espaço e tempo em um passeio recheado de um visual fantástico e poético com música ao vivo incentivando a prática de artistas da terra. Entender a importância de se preservar o meio ambiente na lógica da contemplação do ecossistema do manguezal com suas populações marinhas que ali dividem espaço harmônico com famílias diversas de aves. A arte como expressão máxima de todo o conjunto que enfeita através de linhas múltiplas e a religiosidade da cidade dos Reis Magos

com a benção da padroeira Nossa Senhora da Apresentação - que ali chegou e abençoa a cidade do natal desde de 1753. São muitas as formas de pontuar natal, a importância da II Guerra Mundial e bases americanas na cidade, o cordão natural com o parque estadual das dunas.

O resumo do turismo paralelo na extensão social e urbana nos permite um mergulho aprofundado nas águas do rio de

camarão como da sua tradução mais perfeita do Tupi para o português; fazer uma leitura didático pedagógica com a educação nas escolas com um trabalho de extensão e educação na sustentabilidade ambiental, a reflexão no paralelo das populações ribeirinhas com a geografia espacial. Este é um trabalho que encanta ao visitante e ao potiguar, enfatizando elementos que partilham da mesma História.



Rio Potengi

Tatuagem: não há pecado ao sul do Equador



¹ *Gilmara Benevides Damasceno*

Doutora em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



² *Cláudio Antônio S. Damasceno*

Mestrando em Educação Profissional Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Tatuagem³ é um filme brasileiro realizado em 2013 pelo cineasta e roteirista pernambucano Hilton Lacerda. Na segunda metade da década de noventa o roteirista tornou-se conhecido por ter escrito vários filmes em colaboração com outros cineastas pernambucanos. Todavia, *Tatuagem* é o primeiro filme de ficção no qual ele atua como diretor. Em novembro de 2015, o filme foi eleito pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) um dos cem melhores filmes brasileiros de todos os tempos e ocupa a 73ª posição (DIB, 2015).

Em seus roteiros, Hilton Lacerda traz para primeiro plano as personagens marginalizadas pela sociedade, cujas condutas desviantes são desafiadoras devido ao posicionamento crítico em relação às leis,

**“
Ultra
aequinoxialem
non peccari.
”**

Caspar Barlaeus
(1584-1648)

que geralmente não as favorece. Em *Tatuagem* não é diferente: o grupo teatral *Chão de Estrelas* luta para que um espetáculo burlesco e sua analogia cômica sobre “o cu” e “a liberdade” seja apresentado. Para tanto, a trupe precisa driblar a censura fortemente repressora da ditadura militar no Brasil (1964-1984).

Hilton Lacerda inspirou-se no trabalho do *Grupo de Teatro Vivencial* (1974-1983) cujas peças teatrais e paródicas satíricas faziam refletir sobre sexo, drogas, homossexualidade e sobre temas de cunho político; as memórias do grupo estão inseridas no livro *Transgressão em Três Atos* (FIGUEIRÔA, 2011). O grupo teatral tinha como espaço de apresentação “uma espécie de café-teatro chamado *Vivencial Diversiones* construído à margem do mangue, em uma favela no limite entre Recife e Olinda” (SANTIAGO, 2016).

¹ Doutora em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Direito e História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro da Association of Critical Heritage Studies (ACHS). Membro do Instituto Brasileiro de Direitos Culturais (IBDCult). Professora da Faculdade Integrada do Ceará (UNIFIC).

² Mestrando em Educação Profissional Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Especialista em educação pela Universidade Potiguar (UnP). Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Instituto Federal do Ceará (IFCE). <http://www.tatuagemofilme.com.br/>

O contexto histórico de *Tatuagem* é o do movimento da contracultura que surgiu na Europa, na América Latina e nos Estados Unidos da América a partir do protesto político de jovens que pretendia uma cultura alternativa à da sociedade de massas, a do capitalismo, à da padronização cultural. Ao mesmo tempo, no Brasil o movimento tropicalista – por sua vez inspirado no movimento antropofágico da década de 1920 – transformou-se na principal referência artística e comportamental em tempos de contracultura.

O tropicalismo foi o movimento que abriu espaço para a autoafirmação da natividade brasileira em meio à realidade contemporânea dos grandes centros urbanos mundiais. *Tatuagem* traz um recorte dos acontecimentos político-sociais experimentados por um grupo de artistas na periferia do Nordeste do Brasil no espaço de um ano, entre 1978 e 1979, quando o regime militar já dava sinais de desgaste.

O período ditatorial no Brasil teve início em 31 de março de 1964, formalizado pelo Ato Institucional nº 1 (AI-1), editado em abril do mesmo ano. A partir de então o país passou a experimentar a ampliação do número de instrumentos jurídicos criados pela junta militar para realizar atos de prisão arbitrária e de atos de tortura contra os adversários do regime (SARMENTO e SOUZA NETO, 2017: 139-140).

Em seguida o AI-2 ampliou os poderes militares e forçou a elaboração de uma nova constituição, assim a Constituição de 1967 foi idealizada para ser mais rígida do que a de anterior. Porém dentre

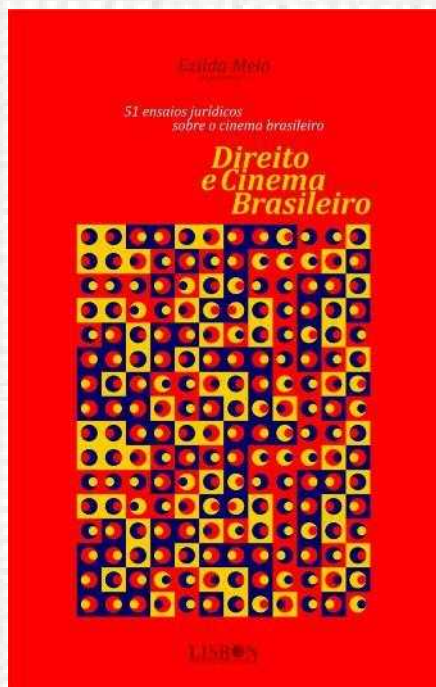
os militares já havia uma cisão entre uma linha mais moderada e outra mais radical, que se fortaleceu diante de manifestações, de greves e da resistência ao golpe militar.

O AI-5 resultou determinou a suspensão de direitos políticos dos cidadãos e a proibição de atividades e de manifestações sobre assuntos políticos, além da liberdade de locomoção e instituiu a censura (artigo 9º). Houve um profundo retrocesso para os direitos fundamentais e em 1969 foi outorgada a nova Constituição Federal (SARMENTO e SOUZA NETO, 2017: 146).

Portanto *Tatuagem* retrata o momento contemporâneo à vigência da Constituição Federal de 1969, que restringia a liberdade de expressão e passou à proibição de “publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes” como consta em seu artigo 160, §8º. Vários artistas brasileiros, após censura e perseguições políticas haviam se exilado em outros países.

Ao mesmo ocorre uma série de mudanças nos costumes da sociedade brasileira: a fase de ufanismo nacionalista e de defesa do conservadorismo cedeu lugar à crítica aos padrões tradicionais impostos à família e à sexualidade feminina, principalmente a partir da pílula anticoncepcional, o surgimento do movimento feminista, da visibilidade gay, além do consumo disseminado das drogas como posicionamento político como um desafio ao sistema autoritário (DIAS, 2003).

Foi um momento de muita criatividade nas artes: o discurso político nunca deixou de existir para



tanto muitas vezes precisou vir disfarçado para burlar a censura. Por outro lado, na música e no teatro as pessoas que se assumiram *gays* passaram a ter uma maior proeminência na década de 1970. Primeiro vieram os atores/bailarinos coloridos e travestidos do *Dzi Croquetes* e logo depois surgiu o grupo *Secos e Molhados* com Ney Matogrosso.

Em 1978 Ney Matogrosso interpretou a música “Não existe pecado ao sul do Equador”⁴ cuja letra e a música foram compostas por Chico Buarque de Holanda e pelo cineasta de Ruy Guerra. A canção fez muito sucesso como tema de abertura de telenovela *Pecado Rasgado*, da TV Globo. Mesmo atingindo milhões de pessoas e com enorme sucesso de público, a letra original de “Não existe pecado ao sul do Equador” havia sido censurada em 1973. Além disso, a peça teatral para a qual ela fora escrita – *Calabar* – também havia sido proibida no mesmo ano.

O filme *Tatuagem* é uma síntese de todos os elementos trazidos até aqui. Apesar de ambientado na cidade de Recife em 1978, o grupo teatral *Chão de Estrelas* é liderado pelo ator/diretor/intelectual Clécio Wanderley (Irandhir Santos). Aos 33 anos ele é o criador dos espetáculos irreverentes da trupe. Na pri-

meira cena do filme fica evidente o relacionamento amoroso aberto entre Clécio e a travesti Paulete (Rodrigo Garcia).

A relação entre ambos fica abalada após a chegada de Arlindo, o jovem soldado do Exército que vai ao café-teatro/cabaré para deixar uma encomenda a pedido de sua namorada, irmã de Paulete. Arlindo ou “Fininha” (Jesuíta Barbosa) tem 18 anos. A partir desse momento, Fininha deslumbra-se com o universo vivido pelo grupo e é seduzido pela figura andrógina de Clécio.



Tatuagem mostra o choque entre duas experiências opostas de vida: a de Clécio, marcada pela anarquia e liberdade sexual e artística (dionisíaca) e do outro lado a de Fininha, marcada pela repressão sexual no quartel (apolíneo) e pelo o assédio sexual do jovem homossexual enrustido soldado Gusmão (Aricle-

nes Barroso).

Quando Clécio aluga um casarão em Olinda e leva para lá toda a trupe de *Chão de Estrelas*, Fininha passa a frequentar o ambiente todavia ainda more no quartel. Com o desenrolar do enredo Fininha demonstra total afinidade com o grupo, a ponto de participar do espetáculo previamente censurado em que todos

⁴A frase foi anotada pelo cronista holandês Caspar Barlaeus quando ele esteve no Brasil no século XVII e posteriormente o escritor Euclides da Cunha a utilizou no ensaio intitulado *À margem da História*, que foi publicado postumamente em 1909. A frase voltaria a ser divulgada em livro no ano de 1936, por Sérgio Buarque de Holanda, no livro *Raízes do Brasil*. Provavelmente Chico Buarque de Holanda tenha se inspirado nela a partir da obra do pai para escrever a música homônima.

os atores/atrizes estão completamente nus. Fininha é preso e provavelmente esta é a motivação de sua expulsão do Exército.

Sob outro aspecto, *Tatuagem* argumenta ainda sobre a representação da sexualidade para além dos estereótipos de uma família tradicional brasileira formada por pai/mãe, unida pelo casamento civil/religioso e que mora sob o mesmo teto. O filme mostra um rompimento da polarização no modelo parental formado pelo pai/mãe em que há papéis bem delimitados de homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade.

Clécio é um homossexual assumido que tem um filho de 13 anos com Deusa (Sylvia Prado), com quem a criança mora. A mãe leva a criança para visitar o pai no café-teatro *Chão de Estrelas* e posteriormente para o casarão onde o pai passa a morar com a trupe, de modo que o foco da relação entre o pai, a mãe e a criança é o da afetividade, para além da mera aparência imposta pelos papéis sociais:

Essa noção da figura paterna é muito importante, porque Clécio é homossexual, mas é pai de um filho, chamado Tuquinha, a quem teve junto com Deusa. A relação e história de Clécio e Deusa não são muito claras no filme. Só se vê uma relação amigável, mas com amor. Eles não vivem juntos, mas parecem se dar bem cuidando do filho deles. É importante comentar que Deusa sabe do estilo de vida de Clécio e que ela aceita que ele traz o filho deles no *Chão de Estrelas* (HALSEMA, 2016: 14).



O café-teatro onde atua Clécio é um ambiente no qual convivem intelectuais, cinéfilos, artistas, poetas, jornalistas que se reúnem para criticar a censura. A figura do professor Joubert (Sílvio Restliffe), o filósofo marxista, está presente em *Tatuagem* inspirado em

Jomard Muniz de Brito: um poeta boêmio, literato, cineasta e filósofo nascido em Recife que foi perseguido pelo regime militar por ter atuado na equipe do educador Paulo Freire. O próprio Jomard Muniz de Brito escreveu peças teatrais que foram encenadas pelo Grupo de *Teatro Vivencial* na década de 1970 (ENCICLOPÉDIA, 2016).

Tatuagem adota uma visão pouco ortodoxa sobre a sexualidade, por isso as pessoas mais conservadoras podem sentir algum desconforto em relação às mensagens anárquicas de rebeldia contida no filme, principalmente com as cenas de sexo entre dois homens, de androginia, de travestismo, de uso de drogas e de nudez total.

A hilária apresentação da “Polka do Cu” (DJ Dolores) condiz com a vontade do grupo de se libertar do autoritarismo. Não à toa, os tons utilizados na película são escuros e sombrios, evidenciando o nível de clandestinidade das atividades do café-teatro. A “Polka do cu” interpretada por Clécio e o *Chão de Estrelas* é o tema musical emblemático de *Tatuagem*, cujo espetáculo mesmo censurado é apresentado para o delírio do público. A cena em que todos os atores e atrizes dançam e cantam

completamente despidos é uma alegoria da libertação do corpo, das ideias, dos tabus, do falso moralismo e do fim da censura.

A cena remete à literatura picaresca, humorística e escatológica de François Rabelais (1494-1553), sacerdote católico que sofreu perseguição pelos doutores da Universidade de Sorbonne que consideraram os seus escritos obscenos. No livro *Gargantua*, Rabelais trata com humor sobre as inúmeras formas encontradas por Gargantua em seu enorme prazer de limpar o ânus, no que ele encontra mais satisfação do que sua dedicação aos estudos com os sofistas, literatos e doutores (RABELAIS, s/d).

François Rabelais foi censurado e suas obras passaram em 1564 a compor o *Index Librorum Prohibitorum* na condição de heréticas por fazer duras críticas à vida nababesca dos reis, dos doutores da Sorbonne e dos clérigos da Igreja católica ao passo que a população francesa vivia em estado miserável e inculto desde a Idade Média. Apesar de erudito, Rabelais aludia à literatura popular em seu protesto contra a estreiteza da Igreja, que mantinha a população longe da anarquia usando as rédeas curtas do medo

de cair em pecado.

Numa das cenas finais de *Tatuagem*, no ano de 1979 Clécio fica sabendo que Fininha migrou para São Paulo a procura de emprego. Porém, Fininha sentia dificuldades em encontrar trabalho porque fizera uma tatuagem em formato de coração, do lado esquerdo do peito, com a letra C de Clécio desenhada. Naquela época a tatuagem rotulava a conduta desviante, marginalizada, de uma pessoa. Por contradição, a tatuagem havia sido feita pelos colegas de caserna de Fininha, quando ele ainda morava dentro do quartel.

Ainda no ano de 1979 iniciou-se a abertura política brasileira a partir da aprovação da Lei de Anistia (Lei nº 6.683/1979) que permitiu a volta de exilados, dentre políticos e artistas; por outro lado anistiou os responsáveis por graves violações aos direitos humanos no período da ditadura militar. O movimento *Diretas Já* pró-democracia surtiu efeito, por isso foi realizado um acordo de transição. Ainda que as eleições de 1985 tenham sido indiretas, desse movimento nacional surgiu a Constituição Federal de 1988, em vigor até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- DIAS, Lucy. **Anos 70**: enquanto corria a barca. Anos de chumbo, piração e amor. Uma reportagem subjetiva. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- DIB, André. **Abraccine organiza ranking dos 100 melhores filmes brasileiros**. (2015). Disponível em: <<https://abraccine.org/2015/11/27/abraccine-organiza-ranking-dos-100-melhores-filmes-brasileiros/>> Acesso em: 10 de Mar. de 2018.
- Grupo de Teatro Vivencial**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento515086/republicas-independentes-darling>>. Acesso em: 11 de Mar. 2018. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- FIGUEIRÔA, Alexandre, BEZERRA, Cláudio, SALDANHA, Stella Maris. **Transgressão em Três Atos**: nos Abismos do Vivencial. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011.
- HALSEMA, Daniel van. **Tatuagem**: uma interseção de gênero, identidade e história (2015). Universiteit Utrecht/Universiteit Leiden. Faculty of Humanities Theses (Bachelor thesis). Disponível em: <<https://dspace.library.uu.nl/handle/1874/334004>> Acesso em: 01 de Mar. de 2018.
- RABELAIS, François. **Gargantua**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- SANTIAGO, Luiz. **Crítica**: Tatuagem (2013). Julho de 2016. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/critica-tatuagem-2013/>> Acesso em: 01 de Mar. de 2018.
- SARMENTO, Daniel e SOUZA NETO, Cláudio Pereira de. **Direito Constitucional**: teoria, história e métodos de trabalho. 2ª edição, 3ª reimpressão, Belo Horizonte: Editora Fórum, 2017.

Adriano Caldas

Organizador

NAVEGANTES

Espaço poético

CASA DE ROMÃS

(Adriano Gray)

A casa de romãs tem
em sua entrada um espelho
e uma velha cadeira branca
de pintura quebrada.

Janelas de vidro,
repartido mosaico solar.
Iluminadas pela memória
de tantos dias claros,
tantos aromas e risos.

As romãs são os frutos
de uma natureza antiga
quase adormecida.
A grama, o jardim, a hera do
muro baixo, estreita simetria.

Só falta a varanda larga e a
vista para o mar, o som dos
sinos marítimos e um pouco
de ternura branca

TERRA SALGADA

(Alfredo Neves)

É tanto sal em Macau
Que ao pisar descalço
Nessa terra salitrada
Rasgo a planta dos pés
É tanto sal em Macau
De infinita brancura
Que cega de doer
É tanto sal em Macau
Que ao passar a língua
Em sua boca salgada
Salivo-me por completo
É tanto sal em Macau
Que fico preso
No tempo-espaço
E perdido desesperançoso
Em meus pensamentos.

POEMA DA LIBERDADE

(Lívio Oliveira)

Declaro, em mim,
e aos ventos e mares de Cuba,
toda a liberdade.
E o homem livre já vive o céu.
Aqui, na terra, o homem verdadeiramente livre
desenha os contornos de um céu
azul como o da África
ou dos sertões do Brasil.

Meu grito libertário já chegou à floresta da Bolívia
e, ao contrário do que pensam alguns,
não cessou.

Meu punho está firme,
pronto e rijo.
Já penso no próximo combate.

Travarei esse combate entre as palavras
e a ignorância.
Travarei esse novo combate entre o pão
e a fome.
Travarei esse velho combate entre a luz
e a obscuridade.

Lutarei, desesperadamente, sem sentir
qualquer dor.

Os meus amigos e camaradas
irão curar minhas feridas
com o bálsamo da verdade
e da honra.

Desafiarei os perigos
e correrei montanhas e todos os riscos.
Minha guerrilha não cessará
enquanto houver um homem,
uma mulher,
um velho,
uma criança,
sem casa,
sem chão,
sem o arroz da ilha
ou o feijão do continente.
Não cessará minha batalha
enquanto eu ouvir a canção
da Latino-América.

A fadiga não me alcançará,
enquanto – nas madrugadas –
eu sorver o orvalho fresco
e a seiva que escorrem sobre as folhas
das árvores imemoriais da paz
e sobre a minha frente sangrando.

Não interromperei minha luta
e minha gargalhada ainda ecoará,
apavorando meus algozes,
enquanto existirem povos
sem olhos para ver
o rumo certo,
sem ouvidos para ouvir
o poema da liberdade,
sem língua para gritar
e buscar, no fundo do peito,
o espírito altivo e forte
da AMÉRICA INDEPENDENTE!

Uma homenagem a Ernesto Che Guevara, nos 93 anos de nascimento.
Este poema foi lido na íntegra, em Sessão Especial do Senado Federal,
pelo então Senador Eduardo Suplicy, em 23 de outubro de 2008.

LUZ & BRILHO NO UNIVERSO VIDA

(José Ivam Pinheiro)

Há luz ...
Em um ponto quando brilha.

Há brilho ...
Em dois pontos que reluzem.

Luz e brilho sempre haverá
para pontear tempo e viver.
- Resgatados, recuperados,
e tão libertos do brumoso escuro.
Feito Universo em transformação.

Há presença
na essência que remarca.

Há ausência
na saudade que maltrata.

A presença nítida e a ausência sentida,
duas faces da pedra tempo que marca;
- Viver e amar - partir e chegar.
Expressão da calma da alma
na transformação universal tão natural.

ENTARDECER DO FAUNO

(Horácio Paiva)

Ele girava em torno
do politicamente correto
enquanto a vida passava
e sangrava a imaginação

mas em meio ao fastio da tarde
e o quebrar da luz na vidraça
lembrava-lhe o anjo a sua fome
e o seu alimento: o amor

e assim a chave lhe repassava
do segredo transcendental

INDIVIDUALIDADE

(Ribamar Filho)

Meu barquinho
É simples
Mas tem a lua
E a sua cor
Sobre a vela sua
E é tão original
Que nele
Só navega
Quem me é especial

O Sertão Virou Mar, exposição de Azol



¹ *Manoel Onofre Neto*

Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN



No início da década de 1930, o mestre Luís da Câmara Cascudo embrenhou-se pelo Sertão. Dos 1.307 quilômetros percorridos nas “terras curralengas”, pariu um registro de cunho afetivo e confessional, convertido numa publicação: *Viajando o Sertão*.

Nela Cascudo dá conta do épico povoamento do Sertão; defende ferrenhamente a cozinha sertaneja, a arte e suas variadas expressões relacionadas à fé. Entroniza a cantoria e o vaqueiro. Destaca o classicismo sertanejo na fala. Espora o cangaço e Virgolino Lampeão. Particulariza, sem arrodeio, o Sertão.

Quase cem anos depois, Azol, outro potiguar com raízes sertanejas – do Seridó e do Oeste norte-rio-grandenses – também incursiona pelo Sertão. O registro, igualmente poético e confessional, é pictórico, é sinestésico, provocando uma encantadora experiência sensorial.

Azol, diante da imensidão do Sertão, faz ele virar mar. Mar de possibilidades estéticas e visuais, tão vastas que se arvora de múltiplas linguagens, materiais e procedimentos: pinturas, fotomontagens a partir de sobreposições, vídeos e instalação. Todos muitos bem enredados, na mesma toada cascudiana, que faria o mestre aplaudir de pé. Nas palavras do aclamado curador de arte Marcus Lontra: “Azol atua como regente de saberes variados, temperando conceitos e imagens que retratam e recriam a imensidão das várias realidades sertanejas”.

Não excedo em afirmar que Azol confabula com Cascudo, na medida em que identifico, cristalinamente, a paleta e a tradução visual de Azol na descri-

ção do mestre. Numa das passagens de *Viajando o Sertão*, Cascudo registra que “atravessando o vale pontiado de casinhas sorridentes e cheio de alegria, sobressaia a cor encarnada, índice de mentalidade primitiva, arrebatada, impulsiva, sensual”. Azol, da mesma forma, carrega sua tradução de Sertão nos variados tons de vermelho, a mais antiga denominação cromática do mundo e a primeira cor a ser batizada pelo homem, numa clara e dramática homenagem às suas raízes sertanejas, como se quisesse, ainda que

identificando sérias e complexas questões sociais, provocar uma contemplação.

Em ambas as incursões – a literária de Cascudo e a pictórica de Azol –, cabem as certas palavras, que faço minhas, de M. Rodrigues de Melo, tiradas do prefácio de *Viajando o Sertão*: “extraordinário manancial de conhecimentos, sensibilidade e ternura humana”. São poéticas visões do Sertão, transmitidas com tons fortes, que traduzem a sua luminosidade e as suas infinitas possibilidades e expressões.





Vele o registro da professora, pesquisadora a artista visual Ângela Almeida, no sentido de que “Azol resiste, retém seu olhar voltado às terras secas de seus sertões de infância. Na sua longa jornada de construção de imagens plásticas, se avizinha também o fotógrafo e, como tal, produz imagens retalhadas, reveladas em saturação, borradas nas bordas, derramadas de outras cores. (..) Porém a pintura e a fotografia não bastaram para Azol: a linguagem do cinema

foi acionada (porque ele um dia estudou cinema) e o que estava quieto, parado, se levantou, ganhou ritmo, movimento”.

A exposição “O Sertão Virou Mar”, de Azol, já aportada em diversas capitais, apresenta, em múltiplos suportes e plataformas, um sertão vigoroso e plástico, com resultado expositivo deveras elogiado, com destaque às pinturas, fotomontagens e uma vídeoinstalação.

¹ Frequenta cursos de formação livre em Desenho, Pintura, Curadoria, Arte Contemporânea e História da Arte na Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ, na UFRN e em outras instituições. Realiza estudos sobre História da Arte, Colecionismo, Museologia e Mercado de Arte. Incentiva e divulga artistas plásticos norte-rio-grandenses. É Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN. Exerceu, em dois mandatos, o Cargo de Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Potiguar (2009-2013). É professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte.

Uns ingênuos



Iaperi Araujo

Médico, escritor e artista. Da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Presidente do Conselho Estadual de Cultura e da Sociedade de Amigos da Pinacoteca (RN)

A semana de Arte Moderna de 1922 além de quebrar paradigmas da arte, entendendo arte como cultura, incluindo teatro, música, cinema, artes pictóricas e outras mais, desenvolveu como reação ao obscurantismo da até então arte brasileira, pelo reconhecimento do tema brasilidade ao que era proposto pelos artistas daquele movimento, batendo de frente na europeização dos estilos e temas das obras de artes. Sob esse aspecto, poucos artistas se enquadravam nessa arte dita pau brasil, verde-amarelo, antropofágica.

A arte brasileira era pontificada pelos artistas chamados acadêmicos. Artistas diletantes, a maioria ou vocacionados que cursavam uma Academia de Belas Artes que começavam a pintar com o material disponível, a grande maioria copiando modelos europeus.

A arte acadêmica sempre foi uma arte expres-



Dorian Gray

sionista. Cenas rurais, cenas de ilustrações de romances de fácil acesso por estarem presentes nas livrarias dos países mais desenvolvidos, a maioria seguindo modelos europeus que ditava a moda na cultura, nas artes e na literatura. Eram produções que não contavam nada do país em que vivíamos. Hábitos, móveis, vestuário eram sincretizados como uma ansiedade do artista de viver naquele mundo fantástico de além mar.

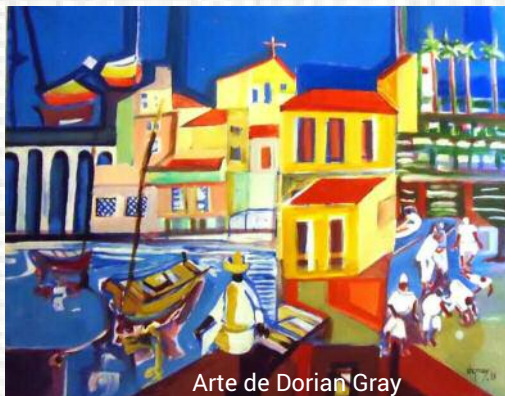
Alguns até alcançavam esses sonhos, mas tiveram a consciência de que em qualquer estilo que seguissem, o importante seria violar os cânones da arte prevalente e admirada como contemporânea para expressar de uma forma mais interpretativa do real que era o Bra-

sil, suas cores e seus temas.

Se analisarmos os trabalhos de Tarsila do Amaral, em muitos aspectos iremos reconhecer muita coisa dos naifes. Aquela simplicidade, aquela cor, a desproporção entre os objetos pintados e a temática nitidamente brasileira.



Arte de Newton Navarro



Arte de Dorian Gray

meio ambiente, retratando-o, mas sob a ótica pessoal do artista, a maioria sem nenhuma formação acadêmica e mais ainda, analfabetos que desconheciam o valor do que faziam, pois estavam conscientes que sua arte era apenas utilitária.

O modernismo chegou ao RN através de artista como Newton Navarro. Dorian Gray e Ivon Rodrigues que entre 1949 e 1950, realizaram exposições de arte moderna. Antes desses precursores, Moura Rabelo, La Greca, Herculano Ramos, principalmente faziam uma arte sóbria de estilo acadêmico, o que não necessariamente seria uma arte de baixa qualidade. Ao contrário, a arte pré-moderna no RN era de muito boa qualidade. Alguns desses artistas tinham uma formação técnica. Cursaram Belas Artes no Recife ou na Europa e já desenvolviam temas nacionais como vaqueiros, paisagem das secas, retratos de caboclos potiguaros.

Newton, Dorian e Ivon tiveram a mesma visão dos grupos

A arte bruta, que é aquela arte do povo, nascida do povo e para o povo, pois integrava-se maravilhosamente no conceito mais moderno de arte que é de integrar-se ao

que lançaram a Semana de Arte de 1922. Queriam contestar lançando uma arte completamente de vanguarda, sem respeitar a pintura diletante e decorativa tão prevalente na época pré-moderna. Certamente muitos

artistas populares em suas cidades já pintavam nesse começo dos anos 50. Uma arte comprometida com o ambiente onde estava inserida e principalmente, na medida do possível utilitária.

No RN, a pintora Maria do Santíssimo (1890-1974), já pintava em papel almaço com anilina orgânica utilizando um rústico pincel que ela mesmo fabricava, no princípio do século XX. Seus temas eram os bichos



Arte de Newton Navarro

maravilhosos de sua convivência diária. Galos, pavões, burricos, patativas, flores rústicas, cajueiros e vasos de “alfinetes”. Essa arte, entretanto, era toda utilitária. Decoravam paredes, fundos de baús para guardar roupas e oratórios. Dona Maria pintou até 1910, provavelmente. Seus contemporâneos, e ela mesmo, não se lembravam até quando pintou na sua primeira fase. A segunda fase



Arte de Iaponi Araújo

foi nos anos 60, estimulada pelo pintor Iaponi e sua mãe, dona Milka que compravam material para dona Maria pintar e adquiriam sua produção. Na segunda metade dos anos 60, Iaponi foi morar no Rio e levou uma grande quantidade de quadros da pintora que doou a museus, críticos e colecionadores, fazendo um grande trabalho de divulgação de sua descoberta. Maria do Santíssimo expôs no Rio (Galeria Goeldi) com seu neto Manxa, em São Paulo (Collection- 1972), nos 50 anos da Semana de Arte Moderna, na Trienal de Pintura Primitiva de Bratislava na Tchecoslováquia, na representação Oficial do Brasil e na galeria da FUNARTE no projeto Arco-iris.

Ivon abdicou de produzir sua arte e foi morar no Recife, mas Newton e Dorian dominaram por mais de 10 anos a cena das artes plásticas do RN e pelo esforço pessoal fizeram uma reserva de mercado tão bem estruturada que por anos era difícil algum outro artista vender qualquer pintura aos órgãos oficiais, inclusive o BANDERN.

Em 1957, no Clube Santa Cruz que tinha uma sede na praia do meio, realizou uma coletiva do Verão quando foram descobertos os artistas Thomé, Tulio e Leopoldo Nelson. Nenhum deles tinha o

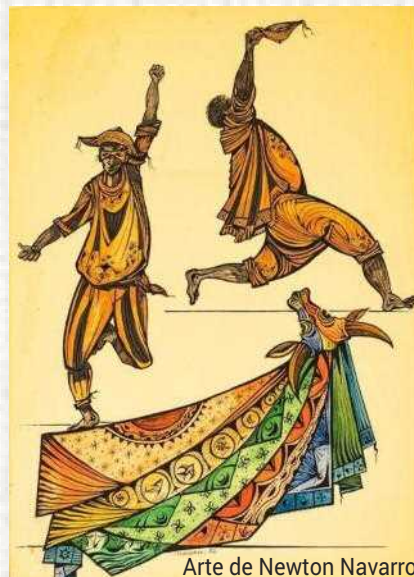


Arte de Iaponi Araujo

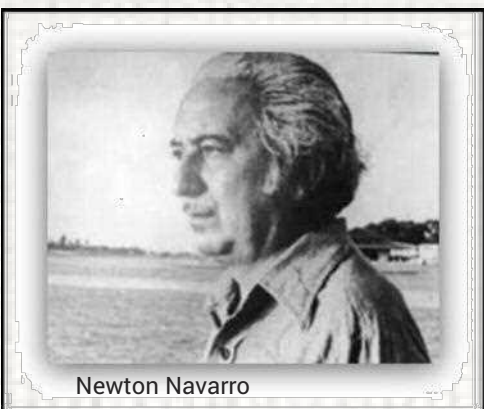
estilo naife. Nos primeiros anos dos 60, surgiram Iaponi e Iraken. Iaponi era nitidamente naife. Retratava as lendas populares, os temas do cordel, as danças e o folclore do povo ao ponto de Cascudo, numa apresentação de sua exposição no Rio (Galeria B75-Concorde, 1975) dizer ser ele “o artista dos sentimentos do povo” chamando-o também de “Príncipe Sueno”, personagem das con-

gadas tão bem retratadas pelo artista. Iraken tinha um traço e uma temática naife nas suas telas, mas seus tapetes eram muito decorativos, obedecendo a temas mais expressionistas do que propriamente ingênuos.

Da metade para o fim dos anos sessenta, surgiram mais alguns pintores ingênuos. Carlos José, com um trabalho bem elaborado, mas enquadrado num naife mais sofisticado. Jussier Magalhães, um excepcional desenhista era um artista poético-expressionista com obras marcantes que valorizavam o claro-escuro, pontificando em alguns detalhes uma cor que era mais evidenciada por ser a única em cada tra-



Arte de Newton Navarro



Newton Navarro



Arte de Dorian Gray

balho. Um pouco antes num grupo chamado novíssimo de Dailor Varela, Walter von Berbe, Marcus Sá e depois Marcos Silva, Iaperi Araújo, irmão

de Iaponi realizou sua primeira exposição na Galeria Xaria e depois na Galeria de Artes da Prefeitura e Vila Flor de Augusto Severo Neto. Também – como o irmão Iaponi – era naife. As formas de sua obra eram distintas da do irmão, apesar de ocupar-se dos mesmos temas. Iaponi faleceu em 1996. Nasceu em 12 de dezembro de 1942. Iaperi continuou a pintar, mesmo sendo profissionalmente médico e professor universitário de Medicina. Recebeu prêmios no Salão do Sesquicentenário (1972), Prêmio Anna Quadros, Destaque do Prêmio Governador do Estado e por três vezes menção honrosa do Salão de Artes da Prefeitura do Natal. Participou de exposições em todo o Brasil e ainda em Buenos Aires, Washington, Palma de Maiorca, Itália, Espanha, Portugal e Alemanha.

Manxa, primo de Iaponi e Iaperi, foi um escultor em madeira, realizando principalmente painéis. Era muito mais um artista da arte bruta do que propriamente um naife, mas marcou seu tempo com sua criatividade, participando de exposições no

Brasil e Exterior. É dele o painel em cimento de tyoda uma parece da Reitoria da UFRN e do altar da capela do campus e dos três reis magos da entrada de Natal.

Depois dessa geração e a partir de 1964-1978, foram surgindo novos artistas naifes. Estelo de São José de Mipibu, Arruda Sales (+), Toinho Silveira, Ivanise, Nivaldo e muitos mais. Foram descobertos os artistas Edilson e Paulo Wladimir, fazendo sucesso no sul.

Fé Córdula, com sua temática religiosa e de festas, nasceu em Floraneia, foi uma grande descoberta, fazendo sucesso em Goiás. Artista de qualidade, com um trabalho reconhecido pela crítica. \Ultimamente foi descoberto pelo professor de Artes Antonio Marques, Antonio Roseno, nascido em 1926 e que por anos, morando numa favela no interior de São Paulo desenvolveu uma arte bruta que somente com a sua morte recebeu a consagração crítica e seu verdadeiro valor.



Arte de Dorian Gray



Arte de Iaponi Araújo

A pintura naife e todas as suas variantes, por ser espontânea e buscar identificar-se com a arte popular, é patrimônio e característica da arte que é executada no Rio Grande do Norte por seus criadores.

O encanto sempre novo do feio



Edrisi Fernandes

Médico, Filósofo, Colecionador e crítico de artes

Em períodos e situações em que o ser humano teve contato intenso com a morte, como nas pandemias, nas guerras e nas ocasiões de perseguição aos artistas, pensadores como Herbert Marcuse indagaram: O que será da arte quando tudo isso passar? Qualquer que seja a resposta, sucedem-se as datas e as efemérides, alguns problemas se resolvem,

outros se magnificam e surgem ainda outros, e a arte se reconfigura como superação e transcendência, ainda que por vezes seja acusada de alienação e escapismo, inutilidade e despropósito. Se houve época ou há ocasiões em que pretendeu ou intenciona representar o natural, o factual, o belo e o

sublime, noutras circunstâncias buscou aventar o possível, traduzir o inquietante, questionar a “beleza”, prefigurar o utópico.

Para a alta cultura grega e a tradição clássica, neoclássica e renascentista que se seguiu, o idílico se traduzia pelo “belo e bom”, *kalós kai agathós*, sempre determinado pela comunhão (*koinônia*) da elite, que se passava por maioria. O que não era suficientemente “belo e bom” era proscrito, e mesmo aquilo que parecia excessivamente belo e bom merecia censura ou banimento (“ostracismo”), porquanto destoava da ideal mediania. Não à toa os ideais estéticos permaneceram



Portinari - Criança morta

pouco cambiáveis durante séculos, o que só veio a ser seriamente desafiado com a “modernidade”.

Comemoramos em 2022 os 100 anos da “Semana de Arte Moderna”. No “Prefácio Interessantíssimo” à sua obra *Paulicea Desvairada*, de 1922, Mário de Andrade ponderou:

23. Já raciocinou sobre o chamado “belo horrível”? É pena. O belo horrível é uma escapatória criada pela dimensão de certos filósofos para justificar a atração exercida, em todos os tempos, pelo feio sobre os artistas. Não me venham dizer que o artista, repro-



Arte de Aluísio Azevedo Júnior

duzindo o feio, o horrível, faz obra bela. Chamar de belo o que é feio, horrível, só porque está expressado com grandeza, comoção, arte, é desvirtuar ou desconhecer o conceito da beleza. Mas feio = pecado... Atrai. Anita Malfatti falava-me outro dia no encanto sempre novo do feio. Ora Anita Malfatti ainda não leu Emílio [Émile] Bayard [1868-1937]: “O fim lógico de um quadro é ser agradável de ver. Todavia comprazem-se os artistas em exprimir o singular encanto da feiura¹. O artista sublima tudo”².



Arte de João Andrade

A citação original de Bayard é esta, de *Le Style Moderne [L'Art de Reconnaître les Styles*, 4 vols., vol. 4], 1919: “*Malgré que le but logique du tableau soit d'être agréable à regarder, on se complait au charme singulier de la laideur.*

L'artiste magnifie tout, peu importe son choix. La beauté existe jusque dans l'horreur; les extrêmes se touchent”, ou seja, “Embora o fim lógico da pintura seja ser agradável de se ver, nos deleitamos com o encanto singular da feiura. O artista engrandece tudo, independentemente de sua escolha. A beleza existe mesmo no hor-



Arte de Anita Malfatti

ror; os extremos se encontram”. Respeitada a nuance entre “o artista engrandece tudo” (Bayard) e “o artista sublima tudo” (Mário de Andrade), cabe recordar que o “feio” já havia sido defendido no “Manifesto Técnico da Literatura Futurista” (1912), de Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), que, com o objetivo de “sublinhar a grande importância para a arte de todas as asperezas, dissonâncias, e da pura rudeza primordial”, propôs: “Fazemos corajosa-

mente o feio”³. Tal raciocínio deixa claro o interesse do artista moderno pelo atípico/“feio” (“ás-

pero”; “dissonante”) e pelo não-tipificado (a “rudeza primordial”) ou, quiçá, por aquilo que transcende tipificações.

Mário de Andrade expandiu seu raciocínio sobre “beleza” e feiura” naquele mesmo “Prefácio Interessantíssimo”:

24. Belo da arte: arbitrário convencional, transitório – questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural – tem a eternidade que a na-



Arte de João Andrade

¹ Bayard trata de questões semelhantes em *L'Art du Bon Goût. Étude théorique et pratique de la beauté mise a la portée de tous* (1909). Em *L'Art de Reconnaître les Meubles Anciens* (1920) ele fala de “un certain charme” da “asymétrie des traits”.

² Mário de Andrade, “Prefácio Interessantíssimo”. Em: *Poesias Completas*, edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia/S. Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987, pp. 59-77, p. 64.

³ Cit. por Umberto Eco, “A vanguarda e o triunfo do feio” (Capítulo XIII). Em: *História da Feiúra*. Rio de Janeiro: Record, 2007, pp. 365-389; p. 365. Veja-se ainda Eduardo Calbucci, *Marinetti e Mário: (des)conexões entre o Manifesto Técnico da Literatura Futurista e o “Prefácio Interessantíssimo”*. <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13706/15524> e *Elogio do Feio na Arte. Fealdade no Século XX* <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/27133/1/Elogio%20do%20feio%20na%20arte.pdf>.



Mário de Andrade



Cecília Meireles



Arte de Anita Malfatti

tureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora conscientes (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas) ora inconscientes (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.

28. (...) Repugna-me (...) o que [Alfred de Musset [1810-1857] chamou: "L'art de servir à point un dénouement bien cuit [A arte de bem servir um resultado bem cozido]"⁴.

55. O passado é lição para se meditar, não para reproduzir. "E tu che sé costí, anima viva,/ Partiti da cotesti che son morti"⁵.

65. (...) Em arte: escola = imbecilidade de muitos para a vaidade dum só.

A clarividência e atualidade do "Prefácio" de Mário de Andrade permite ver que o Modernismo de 1922 sinalizava uma valorização da "arte pela arte", apontava para a ultrapassagem do passado ("*cotesti che son morti*") e a superação de qualquer "ismo" artístico e preparava o caminho para um tempo no qual cada artista seria sua própria "escola" – e não à toa uma cantora alemã do movimento "punk rock", Nina Hagen, a "garota de Berlim", apregoava em 1985 os versos de uma composição do escritor, músico, cantor, cineasta e místico norteamericano Ron Dumas: "*I'm my on radio* [sou o meu próprio rádio]"⁶.

Ficando no campo das metáforas musicais, então, como seria possível conciliar na arte "Uma coisa de cada vez" com "Tudo ao mesmo tempo



Filippo Tommaso Marinetti

⁴ A. de Musset, *Une Soirée Perdue* (1840), Em: *Revue des Deux Mondes, Quatrième Série*, XXIII, 1º de julho de 1840, pp. 470-472, cf. p. 470; reprod. por Jules Laforge (1860-1887) em *Tessa*, II, 5, versos 247-248, *Œuvres Complètes*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1986-2000, vol. I, 1986, p. 134.

⁵ No original italiano (reproduzido defectivamente no "Prefácio" de Mário), "*E tu che se' [sei] costí, anima viva,/ Partiti da cotesti che son morti* [E tu que estás aí, alma viva,/ Aparta-te daqueles que estão mortos]" (Dante Alighieri, *Inferno*, III, 88-89).

⁶ Nina Hagen, "Universal Radio", álbum *In Ekstasy*, 1985, rearranjando uma canção de Ron (Ronald) Dumas no *Ron Dumas Group*, 1983, apresentada pela 1ª vez ao público de Nina Hagen na abertura do *Ron Dumas Group* ao show "Blitzkrieg Ball", da cantora berlinense, no *Beverly Theater*, em Beverly Hills, em dezembro de 1984.

agora”⁷? Penso que podemos encontrar elementos para uma resposta a essa questão num raciocínio do mesmo Émile Bayard já em 1919:

Para de boa fé admirar ou criticar um estilo é preciso conhecer seus precedentes, suas influências e as condições de sua evolução, pois a arte é apenas um conjunto de civilização, contágio⁸ e capricho, sendo importante raciocinar sobre as relações entre eles e suas conquistas.

Se os artistas dão à luz individualmente, suas obras-primas são solidárias num bloco de pensamento comum, e o respeito é essencial diante de um número tão limitado de “blocos” entre tantos séculos⁹.

Conhecimento e respeito, mas não reverência adulatoria ou reprodução acrítica, eis a proposta e a prédica da modernidade; há que se reservar espaço para o “capricho”. Em francês ou inglês, *caprice* significa “volubilidade; inconstância”, “improvisação; extravagância; excentricidade” (este sentido foi preservado na linguagem da música, como no italiano *capriccio*) e também “manha; veneta”. Em português “capricho” pode significar “esmero” e “ousadia”, quiçá por sugestão de que o étimo de origem – o latim *capra* (masculino *caper*),



Arte de Aluísio Azevedo Júnior



Arte de Alfredo Neves

“cabra” (do proto-indoeuropeu **kapro*, “bode”), evoca um animal inquieto, “teimoso” e vivaz, ou seja, “caprichoso”.

Em comemoração dos 100 anos da “Semana de Arte Moderna” os artistas plásticos Alfredo Neves, Aluísio Azevedo e João Andrade apresentaram ao público, no espaço cultural da Livraria Manimbu (em Natal, RN), a mostra “O encanto sempre novo do feio”, onde telas dos três e composições pintadas (telas com intervenções tridimensionais) de Alfredo e João exibem seus apurados caprichos e seus provocativos encantos “feios”, isto

é, subversivos da “beleza” clássica e canônica. Mesmo ao não-iniciado nas artes o exame atento das obras revelará um estudado balanço das formas, volumes e cores, o apuro técnico da execução, a ordem no (ou do) caos. Num crescendo de figuração pode-se passar de Alfredo para João e deste para Aluísio – com quem a representação pode chegar à inquietação política -, mas percebe-se uma afinidade estilística dentro do variegado gradiente do moderno, com fortes notas da “vanguarda russa” (Neo-primitivismo; Abstracionismo; Zaum; Rayonismo; Suprematismo) e do Expressionismo – estando esta última corrente representada por obras mais “típicas” e figurativas de Aluísio Azevedo, por vezes com traços que remetem a Portinari e Munch, ou

⁷ “Uma coisa de cada vez” é uma composição (a última do lado B; de Arnaldo Antunes) do álbum dos Titãs *Tudo ao Mesmo Tempo Agora*, de 1991.

⁸ Contato íntimo e transmissível de algo.

⁹ “Il faut, pour admirer ou critiquer de bonne foi un style, connaître ses précédents, ses influences et les conditions de son évolution, car l’art n’est qu’un tout de civilisation, de contagion et de caprice dont il importe de raisonner les réalisations entre elles. Si les artistes enfantent individuellement, leurs chefs-d’œuvre sont solidaires d’un bloc de pensée commune, et le respect s’impose devant un nombre si restreint de ‘blocs’ parmi tant de siècles”. Émile Bayard, *Les Styles Régence et Louis XV [L’Art de Reconnaître les Styles, 4 vols., vol. 2]*, 1919.

mais “atípicas” e “transfigurativas” de Alfredo Neves, transitando estas entre o “Expressionismo abstrato” e o “Impressionismo abstrato”. Da arte de João Andrade, na falta de uma rotulação cabível - já se falou de um “estilo próprio” em cores vivas - quiçá possamos chamá-la de “rutilação existencialista” ou “Existencialismo rutilante”. Suas imagens sugerem paisagens ora microscópicas, que lembram aquelas do tecido sanguíneo e dos micróbios primeiro enxergados por Anton van Leeuwenhoek ou das células de cortiça inicialmente avistadas por Robert Hooke, ora macroscópicas, na escala dos quasares e das supernovas. Algumas telas de Alfredo e João por vezes “dialogam” na medida em que evocam as experimentações de Jackson Pollock com a dinâmica dos fluidos. Como se percebe, há arte para muitos gostos e dimensões nessa conjunção e comunhão de artistas.



Arte de Portinari

Mergulhando no microcosmo e explorando os maravilhosos detalhes da criação, indo do qualitativo para o quantitativo e deste para o quântico, pode-se propor, seguindo Hesíodo, que a metade é maior que o todo¹⁰, e declamar com Cecília Meireles:



Arte de Alfredo Neves

No mistério do Sem-Fim
equilibra-se um planeta.

E, no planeta, um jardim,
e, no jardim, um canteiro;

no canteiro, uma violeta,
e, sobre ela, o dia inteiro,

entre o planeta e o Sem-Fim,
a asa de uma borboleta¹¹.

Também podemos dizer com Manoel de Barros: “Meu quintal é maior do que o mundo”¹². Por outro lado, viajando do humano para o macrocosmo num

salto transcendentalizante, e deixando para trás todos os “ismos” exceto o originário e terminal Abismo, sondamos o segredo do tudo-todo que é mais que a soma de suas partes, confirmando Aristóteles¹³ e reiterando aqueles que afirmaram que um todo pode ser constituído por partes ou existir fora delas¹⁴. Chegamos o mais perto que ousamos, ou que podemos chegar através do sonho e da arte, do multiverso, do infinito, da eternidade, da comoção e do encanto sempre novo daquilo que pode agradar, motivar, fascinar, fazer pensar e exultar, num flerte com o Divino.



Anita Malfatti

¹⁰Hesíodo, Os Trabalhos e os dias, 40: “(...) ὅσω πλεόν ἤμισυ παντός”

¹¹Cecília Meireles, “Canção Mínima”. Em Vaga Música, 1942.

¹²Manoel de Barros, “O Apanhador de Desperdícios”. Em: Memórias Inventadas – A Infância. São Paulo: Planeta, 2003.

¹³Metafísica, VIII.6 [1045a]: “(...) muitas coisas têm uma pluralidade de partes (πλείω μέρη) e não são meramente um agregado completo (οἷον σωρὸς τὸ πᾶν), sendo ao invés disso um todo além das suas partes (τὸ ὅλον παρὰ τὰ μέρη)” (vide ainda Tópicos, VI.13 [150a15-16]).

¹⁴Vide Sexto Empírico, Hipotiposes pirrônicas, III, 98; Proclo, Elementos de teologia, proposição 67.

Arte digital e fine art, a construção estética, atual e moderna nas artes visuais



Alfredo Neves

artista plástico, editor da Revista Paleta, poeta e vice-presidente da Academia Macauense de Letras e Artes.

Tenho sido um entusiasta para a disseminação do debate sobre o belo, o feio e o sublime na compreensão estética do mundo das artes visuais. Uma temática que vai além dos simples e meros adjetivos aprendidos nas enciclopédias e dicionários de línguas variadas em diversas nações. Trata-se não apenas da etimologia que dá origem à palavra, mas do estudo etnológico que tem se transmutado ao longo da História da Arte deste os primórdios aos dias atuais, desvendando as “coisas” de maneira racional dentro das compreensões filosóficas. É, na verdade, um passeio na antropologia cultural e social, que mexe com culturas e costumes, que vão desde o que comemos, vestimos, cultivamos e apreciamos. Mas, lembre-se, tudo de forma a entendermos, de que o que já está dado no mundo das artes, não é para ser descartado, mas para inserir-se dentro do recorte histórico enquanto

uma nova tendência, sem querer suplant

tar estilos existentes, praticados e expostos em museus e lugares diversos no mundo inteiro.



“Sol de janeiro” - Arte Digital - 50 x 40 cm - Alfredo Neves

Sempre que escrevo tenho o cuidado do espaço e da narrativa onde estarei repassando o que quero explicar, e, como podem perceber, não se trata de um tratado acadêmico, mas de uma visão sobre o tempo em que estamos participando para tratar da temática (que tanto também já escrevi), da arte de vanguarda e das suas rupturas com o já dado e pré-existente.

Escrever sobre Arte Digital e Fine Art não é uma defesa de que esta é a tendência obrigatória a ser seguida, como descrevo mais acima, mas dizer que da mesma maneira que houve a quebra da tradição no final do sec. XVIII e início do XIX, com a ação dos Refor-



Monumento ao Trabalhador - Tomie Ohtake

mistas Protestantes, em particular na Holanda, contra as imagens e esculturas renascentistas, não impediu que o Renascimento continuasse a produzir obras angelicais-sacras cristãs. Ou do Barroco ao Rococó, do Classicismo ao Neoclassicismo, do impressionismo de Claude Monet e Édouard Mounet, ao pós-impressionismo e o expressionismo de Van Gogh, ou do figurativismo de Picasso, Salvador Dali e Tarsila do Amaral onde respectivamente abraçaram uma nova estética cubista, surrealista e modernista com resgate das vanguardas europeias. Escrever sobre Arte Digital e Fine Art, em plena globalização de algumas moedas

digitais, e NFT (“non fungible token”, ou token não fungível), as Cripto Artes (tema que abordarei em outro momento), é dizer que temos que nos permitir para trazer à tona uma nova ideia para ser admirada nas manifestações artísticas.

AlbaGreen -
Coelho
Fluorescente de
Eduardo Kac



Recentemente, participando de um Edital Público da FUNARTE, escrevi a minha percepção sobre o que propus aos organizadores, falei



“Mandacaru” - Arte Digital - 80 x 60 cm - Alfredo Neves

soras 3D, que fazem esculturas a partir da criatividade do artista, passando pela arte cibernética, net-art, glich-art, cenários 3D para Jogos e fine art. O mundo hoje se tornou repleto de artes construídas com milhões de pixels e bytes, permitindo um novo olhar para o conceito estético-moderno do mundo digital.

Com isto, e já fazendo a premente e necessária defesa da Arte Digital, destaco ainda que de 2020 aos dias atuais passamos por agruras terríveis, e ela, este novo modelo de produzir em casa em diversas plata-

que o mundo tem sido o palco da evolução das artes desde as primeiras pinturas encontradas em cavernas rupestres, passando pelas egípcias, fenícias, chinesas, romanas, e os seus movimentos como o Renascimento, Impressionismo, Cubismo, Surrealismo, pela estética minimalista, o abstrato, o expressionismo abstrato, Arte Contemporânea, Moderna, Pop Art, Op Art, Arte Cinética, etc. Continuei ainda descrevendo que a Arte Visual tem se aprimorado e se adaptado às novas exigências mercadológicas e se inserido na globalizante e inovadora tecnologia digital que vai desde as gigantes industriais até as domésticas impres-



Abraham Palatnik - W-280

formas tecnológicas, surge num dos momentos mais difíceis que passou e ainda passa a humanidade, a partir do surgimento do coronavírus, onde não se podia nem mesmo encontrar lojas de produtos para as artes plásticas abertas para aquisição de telas, pinceis, tintas à óleo ou acrílica, devido aos protocolos de isolamento social. Não que a arte digital não já estivesse assentada em seus diversos espaços, sejam eles museológicos, propagandísticos ou decorando paredes em comércios ou residências mundo afora, mas que a “peste” acelerou essa prática.

Do mundo real, vamos às manifestações do subconsciente e agora também no campo virtual e cibernético o ofício penoso e avesso ao academicismo. No meu exemplo me apego sempre ao que parte do que vem do interior da alma, e como misturo a arte Ex-

pressionista Abstrata com o abstracionismo, vejo-me confortavelmente sem temores em apresentar esse novo estilo. Fui, então, inserindo-me gradativamente no virtual, mantendo a mesma estética praticada nas telas à óleo ou acrílicas, não tendo, mesmo assim, direcionado tudo para os tablets, computadores ou smartphones, e depois repassando tudo para a reprodução Fine Arte, continuo ainda fazendo o uso do cavalete, mas sabendo que ele será, um dia, apenas peça de museu como diversas artes

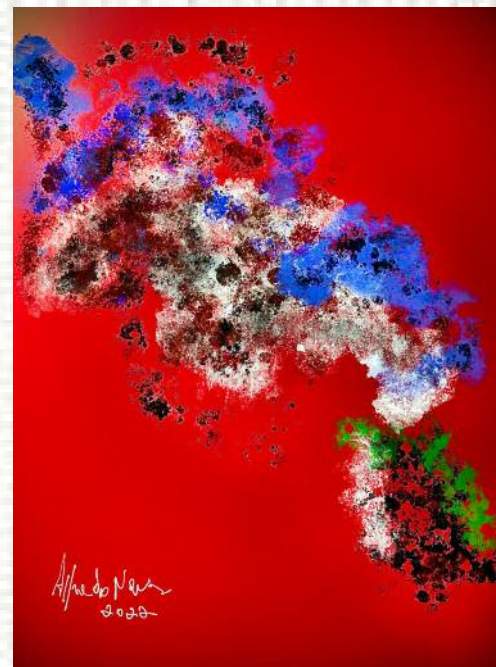


Obra de Eduardo Kac

plásticas que conhecemos, retratando a ferramenta milenar de trabalho dos pintores mais famosos ou anônimos. A Fine Art, ou a Arte Digital reproduzida em canvas museu, ou canvas, (a primeira reproduzida com 12 cores em poliéster e algodão, com durabilidade de 250 anos ou

mais, a depender da conservação, e a segunda com um percentual menor de algodão e também em poliéster, com durabilidade menor e em 4 cores), não se propõe ser algo transformado em arte decorativa, mas um trabalho para o reconhecimento das instituições museológicas, tanto para a apreciação pública por meios visuais eletrônicos, como para exposições com reproduções de alta definição.

Diante das muitas expressões artísticas a Arte Digital não é a de se causar tanto espanto. Outros espantos já ocorreram, principalmente quando da Revolução Industrial e das



“sem título” - Arte Digital - 80 x 60 cm - Alfredo Neves

suas fábricas que produziram centenas de milhares de esculturas e mecanismos robóticos e eletromecânicos a serviço do homem e outros diversos controversos à humanidade. Do sublime, magnífico e questionável, essa indústria, pode-se dizer, de certa forma, forneceu ferramentas importantes para facilitar a existência de peças em aço e formatos antes impossíveis de se manusear com as mãos para a geração de esculturas minimalistas, gigantescas e digitais. O uso destes recursos, foram fartamente utilizados na arte de Tomie Ohtake (1913-2015), Fernando Velásquez (1970 -), Eduardo Kac (1962 -) e, dentre eles, um dos mais importantes, Abraham Palatnik (1928 – 2020). Palatnik nasceu em Natal-RN, artista cinético e cinecromático, ele soube muito bem utilizar os recursos tecnológicos para transformar o mundo das artes. A Arte Digital é apresentada para nós não somente com recursos manuseados nos meios eletrônicos computacionais, mas transformando valores binários de zeros e uns num mundo de espectros infinitos que vão além da utilização de dedos, canetas e pranchetas digitais. No Livro “Abraham Palatnik” (São Paulo, Cosac Naify, 2004), com texto e organização de Luiz Camillo Osorio, Palatnik escreve sobre Tecnologia e Arte: “A Tecnologia não é um fenômeno novo. Tem características dinâmicas, evolui sempre, e, certamente, não foi inventada pelo homem. A Existência no universo de formas tão diversas,



Aparelho Cinecromático
(1949) - Abraham Palatnik

orgânicas ou inorgânicas, simples ou complexas, é intrigante; alguma tecnologia foi acionada para que essas formas assumissem tal aspecto...” E continua: “O Natural e o artificial convivem e se completam; são portanto componentes vitais de nossa cultura. Esse fato, no entanto, não é gratuito nem fácil. O Homem não nasce pronto. Passa a vida toda aprendendo. Sua sobrevivência dependerá da tecnologia, cuja função é resolver seus problemas cada vez mais complexos e promover sua integração com o meio em que vive.”

Já em 1922, vejam bem, em uma data onde se debatia ferrenhamente sobre ideologias operárias, fim do comunismo, marxismo, capitalismo, etc, num texto de Nikolai Tarabukin (1899 – 1956), Do Cavalete à Máquina (1923), ele cita Alexis Gan, (1887 – 1942), e a sua posição sobre as estéticas para ele consideradas obsoletas: “Um regime social e político determinado por uma nova estrutura econômica faz com que apareçam novas formas e novos meios de expressão...”

Foto: Agência Papoca

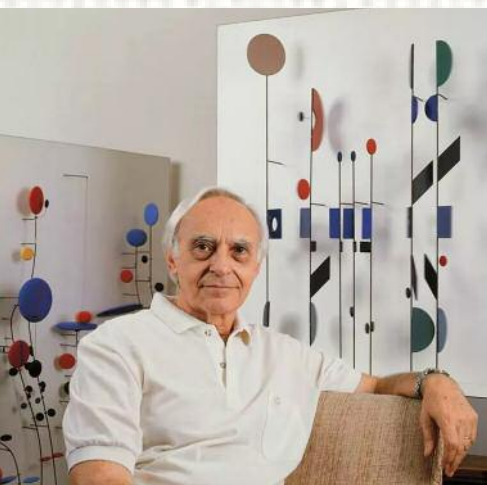


Tomie Ohtake - 2019

Este “novo”, ofertado a todos nós para novas experiências no campo das artes, é uma forma tecnológica e moderna de inserção no atual e inexorável mundo “assustadoramente” digital. Costumo dizer, que há uma tendência forte no aprofundamento do abandono do cavalete, mesmo sabendo que ainda perdurará por certo tempo a boa e secular técnica da pintura tão conhecida por todos nós. Já na década de 30-40, artistas

americanos da corrente expressionista abstrata, como Jackson Pollock (1912 – 1956), Franz Kline (1910 – 1962) e Willem de Kooning (1904 – 1997), já faziam com raridade o uso do cavalete. Bem verdade que não era arte digital, mas escreviam dentro da Escola de Nova York um novo método de fazer arte.

Em seu texto sobre “A crise do Cavalete” (1948), Clement Greenberg (1909 -1994), publicado no livro *A Pintura, Textos Essenciais, Vol. 14 – Vanguardas e Rupturas* (São Paulo, Editora 34 Ltda, 2013), ele é mais incisivo quando se trata do assunto “uso do cavalete”, não direcionando o seu raciocínio para a arte tecnológica, onde já o deveria ter feito, com argumentos suficientes com base na II Grande Guerra Mundial, a mortal e nefasta Bomba Atômica e o avanço tecnológico da indústria bélica, mas apontando para as pinturas expressionistas abstratas como nova forma de produção visual.



Abraham Palatnik (Foto: Vicente de Mello)



Obra de Fernando Velasquez

Com isto, abre Greenberg, uma nova visão de que devemos experimentar. Escreve: “A Pintura de Cavalete, a pintura móvel pendurada numa parede, é um produto particular do Ocidente, sem nenhum correspondente verdadeiro em outras partes do mundo.

Sua forma é determinada por sua função social, que é precisamente estar pendurada na parede...” E continua: “Na medida em que o artista achata a cavidade em nome da padronização decorativa e organiza seu conteúdo em termos de planaridade e frontalidade, a essência da pintura de cavalete – que não é a mesma coisa que sua qualidade – está a caminho de ser comprometida.”

Verifico, como neste texto e em outros já lidos, exagerando em dizer que está funcionando no mundo uma nova forma de fazer arte, não só em repositórios na WEB, em supercomputadores, ou em casas de transações blockchain ou bitcon, com as crypto art, mas nas diversas residências pelo planeta afora. Estes artistas estão comercializando, expondo, presenteando e deixando pessoas maravilhadas com o atual e novo estilo estético artístico chamado Arte Digital.



Da Série "About Complexity" - Fernando Velasquez

